

*ANA LEITE DA CUNHA  
JOÃO LUÍS CARDOSO*

**A ANTA DO PENEDO GORDO  
(BELVER, GAVIÃO)**

VISEU  
Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta  
2002-2003

## A ANTA DO PENEDO GORDO (BELVER, GAVIÃO)

Ana Leite da Cunha\*  
João Luís Cardoso\*\*

### 1. INTRODUÇÃO

Integrado no programa "Valorização do Património Megalítico" do extinto Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro (SRAZC) do IPPAR e a solicitação da Câmara Municipal de Gavião, realizaram-se na Anta do Penedo Gordo, durante parte dos meses de Março e de Abril de 1990, os trabalhos de escavação e de recuperação e restauro da anta do Penedo Gordo, monumento megalítico de há muito conhecido, mas que se encontrava num estado de total abandono.

Os trabalhos de campo foram dirigidos e realizados pela primeira signatária, com o apoio de pessoal operário da Câmara Municipal de Gavião, entidade que participou, conjuntamente com o IPPAR, as despesas relativas à deslocação e presença da equipa no terreno. Circunstancialmente, contou-se com a colaboração de Lúcia Gomes, professora do Ensino Básico e do Dr. Fernando Silva, do ex-SRAZC/IPPC. Para os levantamentos de campo e de gabinete obteve-se a colaboração de José Augusto Dias, também daquele Serviço, que também se ocupou do desenho do espólio, conjuntamente com o Dr. José Luís Madeira, igualmente do ex-SRAZC/IPPC.

O segundo signatário, que é o coordenador científico de um Projecto de Investigação relativo ao estudo do Megalitismo do Sul da Beira Interior, superiormente aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia (1998/2001), possui fortes raízes familiares em Belver. Por tais motivos, sugeriu a publicação do presente estudo, com base nos elementos fornecidos pela arqueóloga responsável pela intervenção, complementados pela integração cultural do importante espólio exumado, que ficou a seu cargo. Coube-lhe, assim, a preparação final do presente estudo, no qual parte do espólio foi desenhado, pela primeira vez, ou tintado, com base nos desenhos já existentes, por Bernardo L. Ferreira.

Enfim, o levantamento topográfico do monumento e área envolvente foi executado pelo Sr. António Pedro, topógrafo do GAT de Abrantes.

### 2. LOCALIZAÇÃO

A anta do Penedo Gordo situa-se numa zona de relevos graníticos que conferem à topografia marcada ondulação, com frequentes afloramentos naturais, observáveis na adjacência imediata do monumento (Fig. 2), que delimitam uma pequena chã, a uma altitude média de cerca de 157 m, cultivada de oliveiras, algumas situadas mesmo ao lado da anta (Est. 1, n.º 1). A Este, tal plataforma é delimitada por acentuado declive, até à ribeira de Eiras, afluente da margem direita do Tejo, a jusante da povoação de Torre Fundeira (Fig. 1).

Administrativamente pertence ao distrito de Portalegre, concelho de Gavião, freguesia de Belver, inserindo-se, porém, do ponto de vista geográfico, na zona de fronteira entre o Alto Ribatejo e a Beira Baixa.

As coordenadas geográficas Gauss são as seguintes (Carta Militar de Portugal na escala de 1/25 000 — Folha 322 (Mação), 1946):

M = 211,7; P = 280,2 (Fig. 1).

O acesso ao monumento é feito por caminho com cerca de 1000 m, a partir da povoação de Torre Fundeira e encontra-se classificado como "Imóvel de Valor Concelhio" desde 1984.

\* Arqueóloga do IPPAR. Direcção Regional de Coimbra, Rua Fernandes Tomás, 76, 3000 Coimbra.

\*\* Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta, Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CMO).

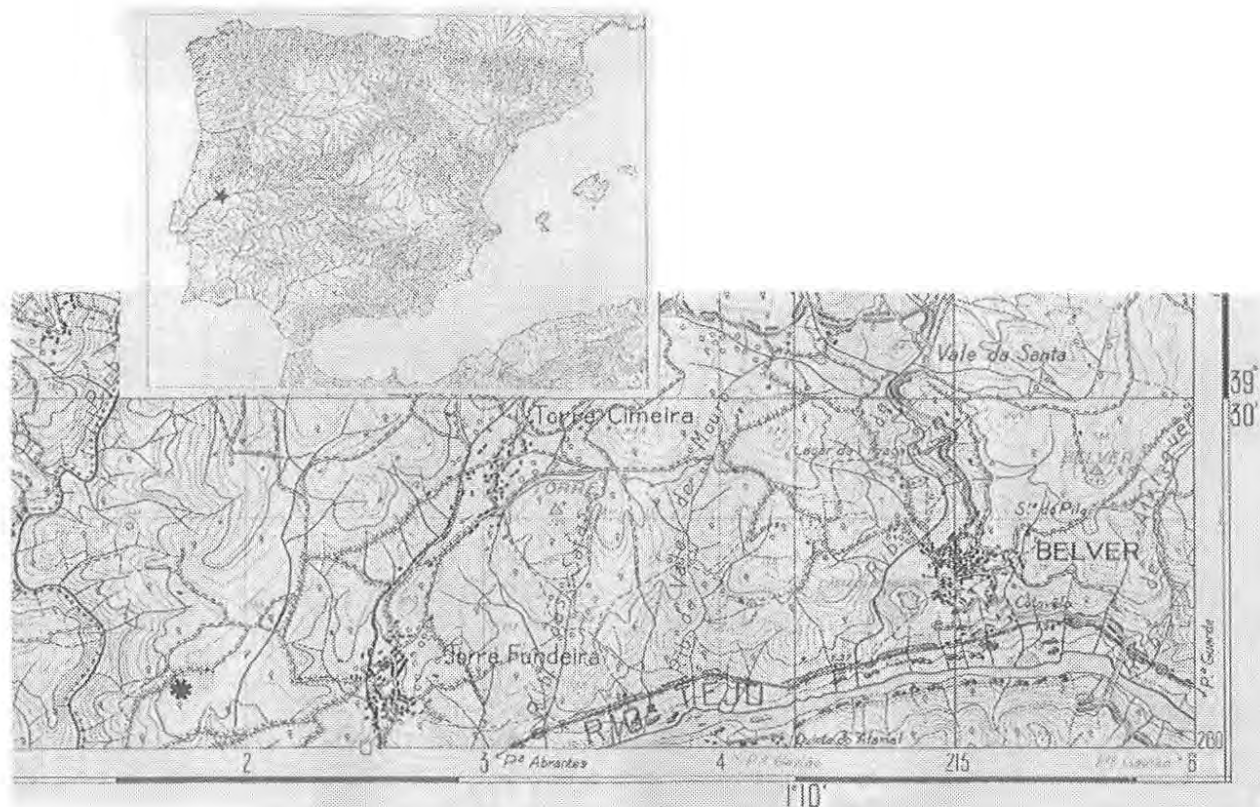


Fig. 1 — Localização da Anta do Penedo Gordo na Península Ibérica (em cima) e na Carta Militar de Portugal, na escala de 1/25 000 (folha n.º 322 — Mação), Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército (1946) (reduzido).

Apesar de se tratar de monumento de grandes dimensões, proporcionadas pela utilização de volumosos esteios graníticos, disponíveis no próprio local — o que motivou, aliás, o expressivo topónimo de "Penedo Gordo" — era um testemunho arqueológico que, até ao presente, apenas dubitativamente se encontrava registado na bibliografia: com efeito, a única menção que dele é feita até 1985, ano da sua comunicação pública no âmbito da apresentação da Carta Arqueológica da Freguesia de Belver (CARDOSO & CARVALHO, 1987), apenas G. e V. Leisner a tinham eventualmente referido, designando-a imprecisamente, por "anta de Belver": "Anta de Belver. Nach Angabe von Dr. Calado, Mação, ein Grab nahe am Tejo, südlich des Flusses. Noch nicht erforscht." (LEISNER & LEISNER, 1959, p. 12).

### 3. ARQUITECTURA DO MONUMENTO

Do ponto de vista arquitectónico, a anta do Penedo Gordo inscreve-se no grupo das antas de granito de câmara poligonal pouco alongada, com cerca de 3,30 m de comprimento por 2,70 m de largura, constituída por nove esteios (dos quais apenas falta um) e corredor de comprimento médio, constituído por quatro esteios de cada lado, dos quais os primeiros, do lado da entrada, poderão corresponder à passagem de um possível átrio exterior, conforme sugerem dois pequenos esteios de ambos os lados daquele com formato de pilar, especialmente visível no esteio número 2 (Fig. 3). O corredor atinge o comprimento de cerca de 3 m e as alturas dos esteios que o integram, substancialmente inferiores aos da câmara, aumentam em direcção desta, entre 0,70 m e 1,30 m.

Na arquitectura desta anta sobressaem dois grandes esteios que marcam a entrada da câmara, formando uma espécie de pórtico que se destaca, pela altura, do corredor adjacente (Est. II, n.º 1 e 2; Est. III, n.º 2). Antes dos trabalhos de limpeza e escavação, eram estes dois esteios, conjuntamente com outros dois, que mais se destacavam do monumento, todos com alturas superiores a 2 m acima do solo (Est. I, n.º 1). O grande esteio de cabeceira encontrava-se derrubado e parcialmente enterrado, apresentando o topo parcialmente fracturado. Apresentava-se ladeado por dois esteios de pequenas dimensões, que já não se encontravam *in situ*. Quanto ao corredor, o seu lado sul apresentava-se em bom estado de conservação (Est. III, n.º 1), conservando os seus quatro esteios ainda nas suas posições primitivas, o que já não se verificava do lado norte. No conjunto, os esteios, tanto do corredor como da câmara, evidenciam grande robustez, afigurando-se como grandes blocos grosseiros e maciços, aspecto sem dúvida devido às características de diaclasamento pouco marcado dos afloramentos graníticos de onde foram extraídos.

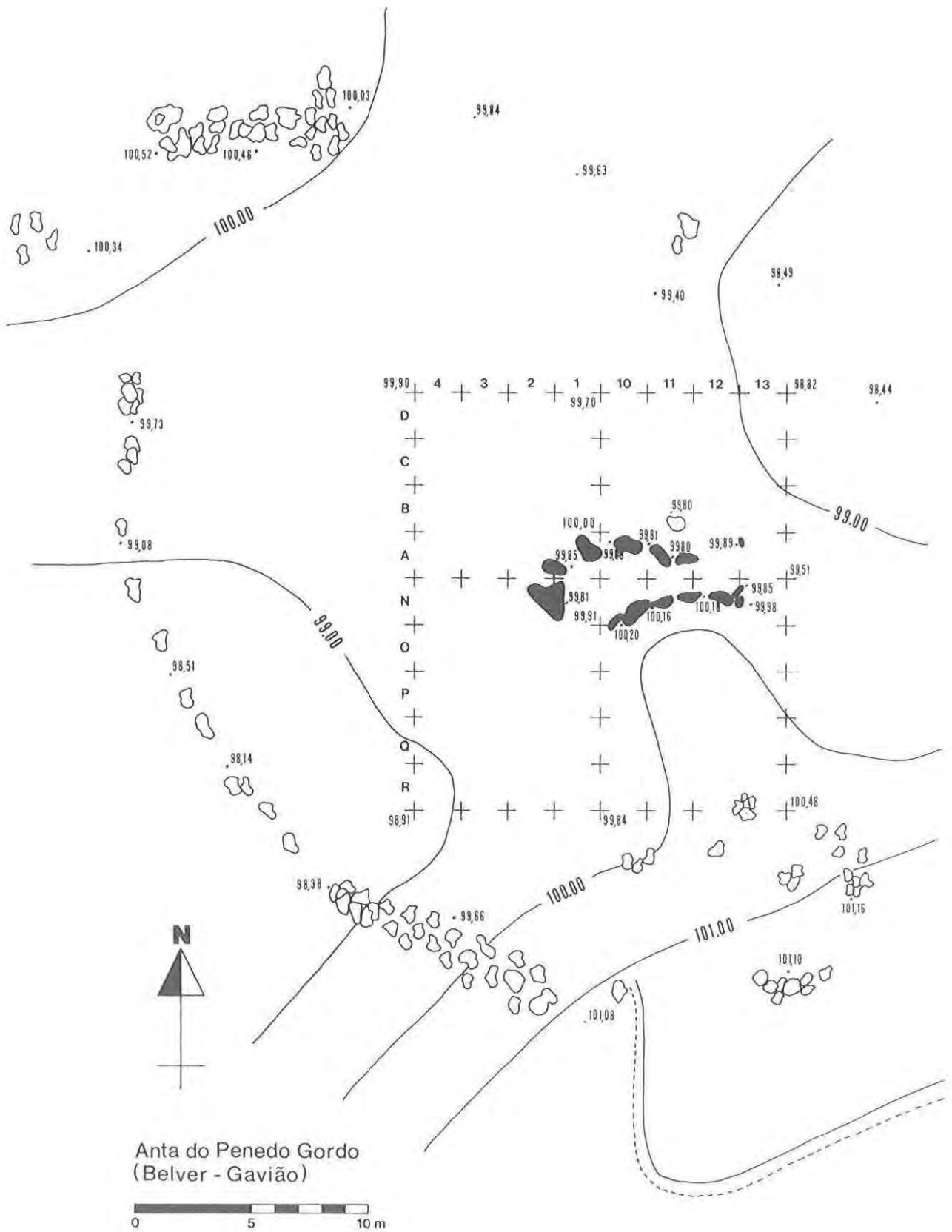


Fig. 2 — Anta do Penedo Gordo. Planta do monumento e da área adjacente, antes da realização dos trabalhos arqueológicos.

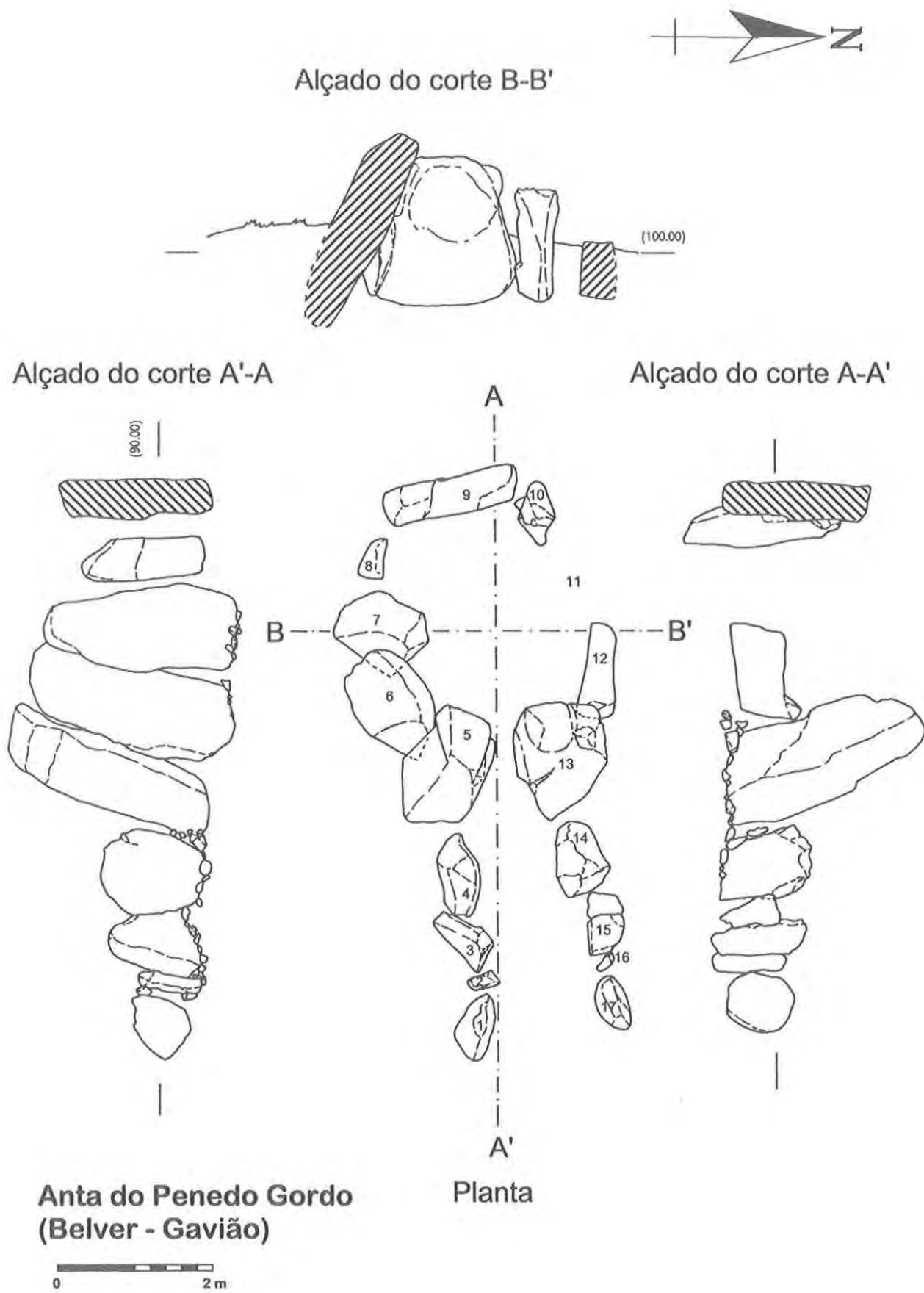


Fig. 3 — Anta do Penedo Gordo. Planta e alçados.

#### 4. TRABALHOS REALIZADOS

Os trabalhos iniciaram-se com a limpeza da vegetação que quase cobria o monumento e área envolvente (Est. I, n.º 1). Não se encontrou qualquer vestígio da laje de cobertura, confundida, em trabalho anterior, com um dos grandes esteios remobilizados, então já atribuídos a antigas violações (CARDOSO & CARVALHO, 1987, p. 85).

Destes trabalhos preliminares resultaram a identificação dos seguintes esteios, para além dos quatro grandes monólitos da câmara já conhecidos (esteios 5, 6, 7 e 13, cf. Fig. 13):

Na câmara:

- a base do esteio 12, partido intencionalmente, como se depreende pelas marcas de guilhos na zona da fractura;
- o esteio da cabeceira (9), que se encontrava derrubado e parcialmente enterrado;
- o esteio 10, reduzido a um fragmento.

No corredor, os trabalhos de limpeza evidenciaram os quatro esteios, três deles também já anteriormente reconhecidos (CARDOSO & CARVALHO, 1987, p. 85), que constituem o seu lado sul (1, 2, 3 e 4) e dois dos quatro que integram o seu lado norte (14, 15).

Evidenciaram-se, também, ténues restos da mamoa, mais marcados do lado sul, bem como uma grande depressão no interior da câmara, correspondente à violação da mesma.

Após a referida limpeza, foi efectuado levantamento do monumento, tal como então se encontrava, bem como da área adjacente, à qual foi imposta quadrícula com 2 m de lado, centrada no interior da câmara e orientada segundo o norte magnético (Fig. 2).

A escavação permitiu verificar que as sucessivas violações realizadas no interior da estrutura não permitiram a conservação de qualquer zona intacta, tanto da câmara como do corredor, tendo sido o lado norte de ambos os referidos sectores o mais atingido.

A escavação na câmara conduziu à identificação de dois fragmentos do esteio 8, que permitiram colagem, com excepção da base; este elemento, de muito menores dimensões que os restantes da câmara, possui, tal como o esteio 10, que também já não se encontrava na sua posição primitiva, a configuração de pilar.

Do esteio 11, que não se conservou, foi todavia possível conhecer a sua posição no terreno devido à identificação do respectivo alvéolo de fundação no substrato geológico, correspondente a um saibro de alteração do granito.

O esteio de cabeceira (9) parecia ser o que restava da cobertura da câmara (Est. IV, n.º 1); evidenciou afeição da superfície interna, bem como da base, que é arredondada, certamente para facilitar a fixação. Foram observadas diversas modificações da superfície de época incerta, como depressões cupuliformes, picotagens e, sobretudo, na parte superior, um grande sulco curvilíneo, com cerca de 8 cm de largura e 4 cm de profundidade, que coincidia isolando, em relevo, um volume circular, com cerca de 1,10 m de diâmetro, o qual poderá corresponder ao trabalho de preparação de extracção de uma mó que, pelas suas dimensões, não deveria ser manual. A remoção deste esteio para o exterior da câmara permitiu continuar a escavação e identificar o correspondente alvéolo de fundação, de grandes dimensões. No enchimento recolheram-se diversos fragmentos de um vaso moderno, feito ao torno, correspondente à época da remoção do referido esteio da sua primitiva posição. Foi também recolhido um fragmento de placa de xisto decorada de ambos os lados e vários fragmentos de uma placa de arenito, da qual se conservava apenas a superfície original no reverso (Fig. 14).

O prosseguimento da escavação no interior da câmara só foi possível mediante o escoramento dos seus esteios, os quais se implantavam invariavelmente em alvéolos escavados no substrato saibroso, sendo suplementarmente calçados com elementos de pequenas e médias dimensões (Est. VI, n.º 1 e 2).

No que diz respeito ao corredor, apesar de o respectivo enchimento se encontrar também totalmente remexido, foi possível verificar que os quatro esteios do seu lado sul se encontravam nas suas posições primitivas mas, ao contrário dos da câmara, apenas assentes no saibro, e não nele implantados, com recurso a blocos colocados junto à base para garantirem a sua estabilidade (Est. III, n.º 1). Tal diferença explica-se pelo facto de serem de muito menores dimensões, e também por não estarem sujeitos, como os da câmara, ao peso da laje de cobertura. Do lado norte, apenas o esteio 14 se encontrava na sua posição original. O esteio 15 foi identificado no decurso da escavação; encontrava-se fracturado verticalmente em dois fragmentos, os quais foram de novo juntos (Est. V, n.º 1 e 2). Durante a escavação, foi ainda identificada uma pequena laje, na parte central do corredor, semelhante ao esteio 2 e, deste modo, considerado como seu homólogo (esteio 16).

A escavação foi prolongada 4 m para o exterior do corredor e no seu alinhamento (Est. II, n.º 2), com o objectivo de verificar a eventual existência de estrutura do fecho ou de acesso ao núcleo do monumento, ou ainda de um anel lítico de contenção ou contraforte da mamoa, da qual se observaram apenas ténues vestígios. Tais preocupações não tiveram, porém, confirmação.

Finda a escavação, teve lugar a consolidação dos elementos que constituem o monumento e sua recuperação e reabilitação geral. Assim, com o objectivo de garantir a estabilidade dos esteios, optou-se pela construção de uma sapata continua, de blocos convenientemente calçados, recobrendo todo o interior da câmara e do corredor, recorrendo a areia grossa para preencher os interstícios. A superfície assim criada foi depois coberta com as terras removidas pela escavação, sem utilização de cimento. Também este se não utilizou na consolidação dos fragmentos de diversos esteios (caso do esteio 8, separado em 2 pedaços). No caso do esteio 11, como o único vestígio da sua existência era o correspondente alvéolo de implantação, este foi preenchido por embasamento de blocos, sobre o qual se construiu pequeno muro de pedra seca, até ao nível do solo, para evitar o arrastamento de sedimentos para o interior da câmara. Enfim, o esteio 12, do qual apenas restava a parte inferior, foi reposicionado no local primitivo.

No corredor, como os esteios do lado sul se conservaram, os trabalhos foram limitados à consolidação do seu embasamento, através da aludida sapata de enrocamento. Do lado norte, como se disse, apenas o esteio 14 se encontrava *in situ*; o esteio 15, fracturado longitudinalmente em duas partes, foi reposicionado na posição primitiva e consolidado (Est. V, n.º 1 e 2). Quanto aos esteios 16 e 17, não se sabe se correspondem aos originais, já que correspondem ao aproveitamento de elementos surgidos durante a escavação.

No conjunto, o piso do interior do monumento, findas as acções de restauro, ficou nivelado cerca de 50 cm acima da base dos esteios da câmara que estavam *in situ* e ligeiramente inclinado para o exterior, de modo a permitir a drenagem das águas pluviais. Mas se a integridade do monumento ficou assegurada, importava desenvolver outras acções, de modo a que a sua valorização se pudesse considerar completa: tal é o caso da implantação de uma placa explicativa junto ao monumento; da construção de vedação rústica em madeira, envolvendo o monumento e definindo espaço de protecção adjacente; do arranjo e manutenção do caminho carreteiro que assegura o acesso ao monumento por viaturas; e, por último, da sua adequada sinalização ao longo do referido acesso. Todas essas acções foram, entretanto, realizadas, com o apoio da Câmara Municipal de Gavião.

## 5. ESPÓLIO RECOLHIDO

Como já se referiu, os depósitos do interior do monumento encontravam-se inteiramente remexidos, resultantes de uma ou várias violações, das quais se conservaram testemunhos, como a depressão observada no interior da câmara, bem como a deslocação do grande esteio de cabeceira. Associado a tal momento, reporta-se um recipiente cerâmico recolhido nas terras remexidas pela deslocação do referido esteio (Fig. 15), cuja tipologia indica época moderna ou contemporânea (séculos XVIII ou XIX).

Apesar de tudo, pode considerar-se relevante a quantidade de espólio arqueológico recolhido, o qual será seguidamente estudado.

### 5.1. Pedra lascada

1 — Ponta de seta de base triangular e aletas incipientes, de sílex branco, com a extremidade distal levemente fracturada. Quadrado N 11 (Fig. 4, n.º 4).

2 — Ponta de seta de base bicôncava, de pedúnculo incipiente, incompleta na metade distal, de sílex castanho escuro. Quadrado N 10 (Fig. 4, n.º 6).

3 — Ponta de seta de base côncava e bordos laterais convexos, com aletas salientes, de sílex bege. Quadrado A 12, junto ao esteio 15, no corredor (Fig. 4, n.º 1).

4 — Ponta de seta de base triangular e bordos laterais rectilíneos, de sílex cinzento escuro, com a extremidade distal em falta. Quadrado A 12 (Fig. 4, n.º 8).

5 — Ponta de seta alongada, de base triangular com aletas laterais e bordos laterais rectilíneos, de sílex bege, com esboço de aleta lateral num dos lados. Quadrado A 13, recolhida nas terras de remeximento na área exterior ao corredor (Fig. 4, n.º 9).

6 — Ponta de seta foliácea, com base triangular, bordos laterais convexos e aletas laterais, com falta da extremidade distal, de sílex bege escuro. Quadrado A 13, recolhida nas terras de remeximento na área exterior ao corredor (Fig. 4, n.º 5).

7 — Ponta de seta alongada, de base bicôncava e pedúnculo incipiente, incompleta na parte distal, de sílex castanho avermelhado. Quadrado A 14, recolhida nas terras de remeximento na área exterior ao corredor (Fig. 4, n.º 7).

8 — Ponta de seta de pequenas dimensões, de base triangular e bordos laterais algo assimétricos, de sílex cinzento. Quadrado A 14, recolhida nas terras de remeximento na área exterior ao corredor (Fig. 4, n.º 2).

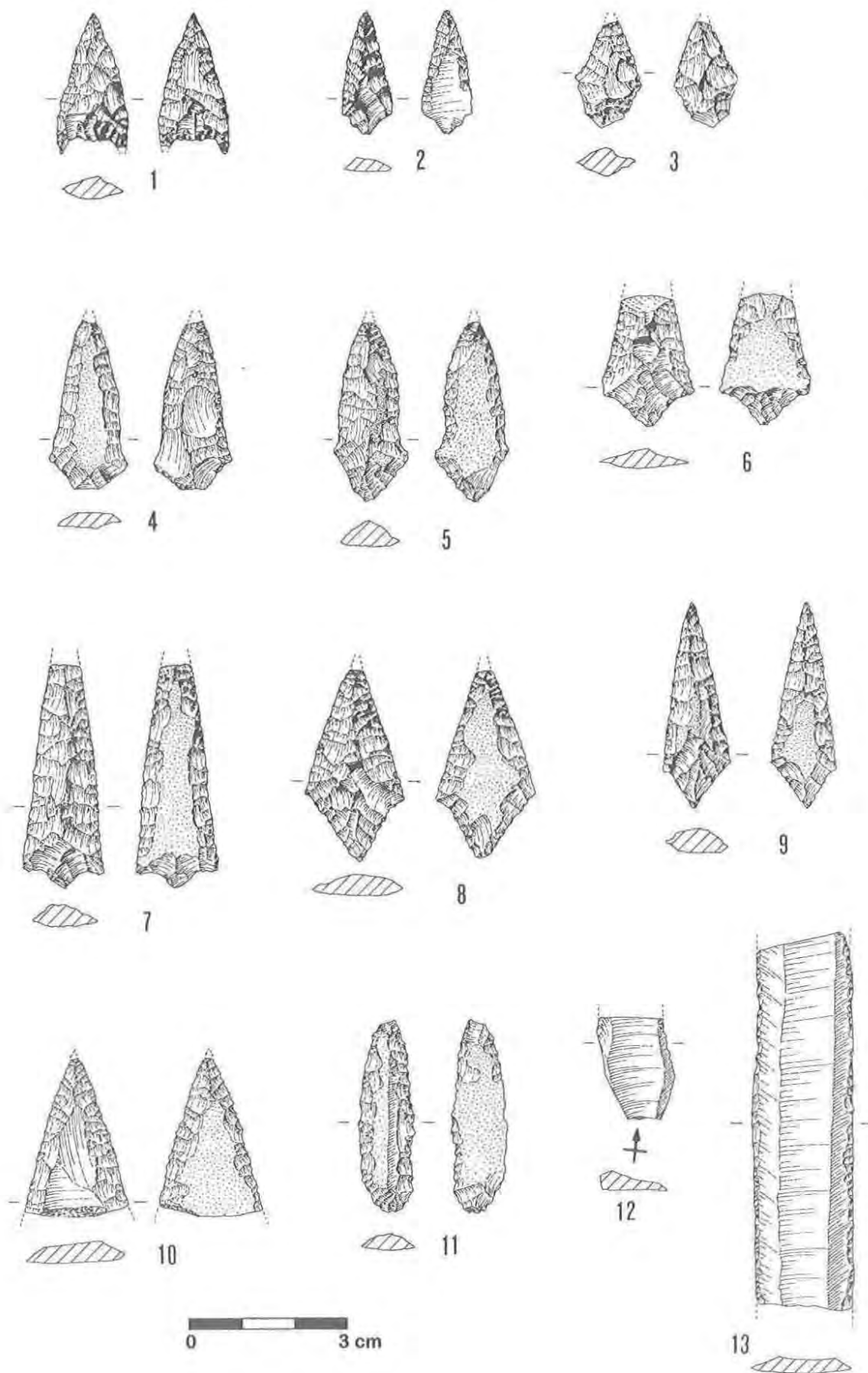


Fig. 4 — Anta do Penedo Gordo, Indústria de pedra lascada.



9 — Ponta de seta de base muito irregular, de contorno subtriangular, com esboço de aleta lateral, com a extremidade distal em falta, de sílex zonado, cinzento escuro e branco. Quadrado A 14, recolhida nas terras de remeximento na área exterior ao corredor (Fig. 4, n.º 3).

10 — Lamela com retoque contínuo em ambos os bordos laterais, estendendo-se a ambas as extremidades (convexas), onde é inverso, de sílex bege. Quadrado A 12 (Fig. 4, n.º 11).

11 — Porção distal de ponta de dardo ou de punhal de contorno subtriangular alongado, de sílex bege. Quadrado N 11, recolhida à superfície da mamoa.

12 — Fragmento proximal de lâmina, de sílex bege acinzentado. Quadrado N 1.

13 — Lasca de quartzo, talvez utilizada como raspadeira. Recolhida na peneiração das terras.

14 — Fragmento proximal de lâmina, de sílex castanho. Recolhida na peneiração das terras.

15 — Porção mesial de grande lâmina com fino retoque contínuo marginal em ambos os bordos laterais, de sílex bege. Quadrado A 12 (Fig. 4, n.º 13).

## 5.2. Pedra polida

1 — Fragmento de machado de anfiboloxisto, incompleto na parte proximal e fracturado longitudinalmente, de secção sub-rectangular e parcialmente polido. O gume apresenta marcas de percussão violentas, com negativos de lasca observáveis em ambas as faces, sugerindo utilização como sacho. Quadrado N 1 (alvéolo de fixação do esteio da cabeceira da câmara) (Fig. 6, n.º 3).

2 — Machado de anfiboloxisto de secção sub-rectangular, de gume estreito e convexo, menos largo que a largura máxima, correspondente ao talão, conferindo-lhe o formato de cunha de contorno subtrapezoidal. Apresenta-se apenas polido no gume, o qual mostra marcas de percussão ligeira. A restante superfície é rugosa, e corresponde à do lingote primitivo, sobre o qual, com pequena transformação, se obteve a peça. O talão mostra marcas violentas de percussão, correspondentes à formatação preliminar do lingote. Quadrado A 12 (corredor) (Fig. 5, n.º 2).

3 — Machado espesso de anfiboloxisto de contorno e secção sub-rectangular, de gume convexo, ligeiramente assimétrico e com vestígios de percussão em ambas as faces. Apresenta-se parcialmente polido, exceptuando-se o bisel terminal, que é bem polido. O talão mostra-se polido, correspondente a utilização como brunidor. Quadrado A 12 (corredor) (Fig. 5, n.º 3).

4 — Machado de anfiboloxisto de contorno subtrapezoidal e secção irregular. Apresenta o gume, que é convexo e simétrico intacto, obtido por cuidadoso polimento, em ambas as faces. A parte restante da superfície encontra-se mal polida, ou mesmo em vastas zonas com ausência de polimento, conservando o aspecto rugoso do lingote primitivo. O talão, espesso e estreito, mostra-se percutido. Quadrado A 12 (corredor) (Fig. 5, n.º 1).

5 — Enxó de anfiboloxisto, de contorno subtrapezoidal e secção sub-rectangular. Mostra perfil longitudinal assimétrico (incluindo o bisel), o que, conjugado com o contraste de acabamento observável entre as duas faces maiores (uma quase totalmente polida, outra quase desprovida de polimento) justificam a atribuição indicada. Apresenta-se parcialmente polido, conservando em vastas zonas dos topos e de uma das faces, a superfície primitiva do lingote de onde foi obtido. O gume, de contorno convexo e simétrico, mostra intensas marcas de utilização, por percussão violenta, de que resultaram numerosos negativos, especialmente em uma das faces, compatível com utilização como sacho. O talão exhibe, igualmente, marcas de percussão violenta. Quadrado A 12 (corredor) (Fig. 6, n.º 1).

6 — Enxó de anfiboloxisto, de contorno subtriangular e secção sub-rectangular, cuidadosamente polida no bisel, produzindo deste modo um gume convexo, simétrico e sem sinais de utilização. A superfície restante da peça apresenta-se mal polida. A observação dos dois lados menores, com acabamentos diferentes, parece indicar que um deles (correspondente ao lado direito da figura), sem indícios de polimento, resultou da fractura, feita obliquamente, de uma peça de maiores dimensões, objecto de reafeiçoamento ulterior. Foi recolhida à superfície, a cerca de 10 m a sudoeste do monumento (Fig. 6, n.º 2).

Como se pode verificar, parte importante do espólio lítico exumado na anta do Penedo Gordo provém do corredor e da área a ele imediatamente exterior, para onde terão sido despejadas as terras de antigas violações. Prova da intensidade que tiveram tais remeximentos, com os consequentes esvaziamentos, é o facto de uma enxó, certamente oriunda do interior do monumento, ter sido recolhida à superfície, a cerca de 10 m de distância deste.

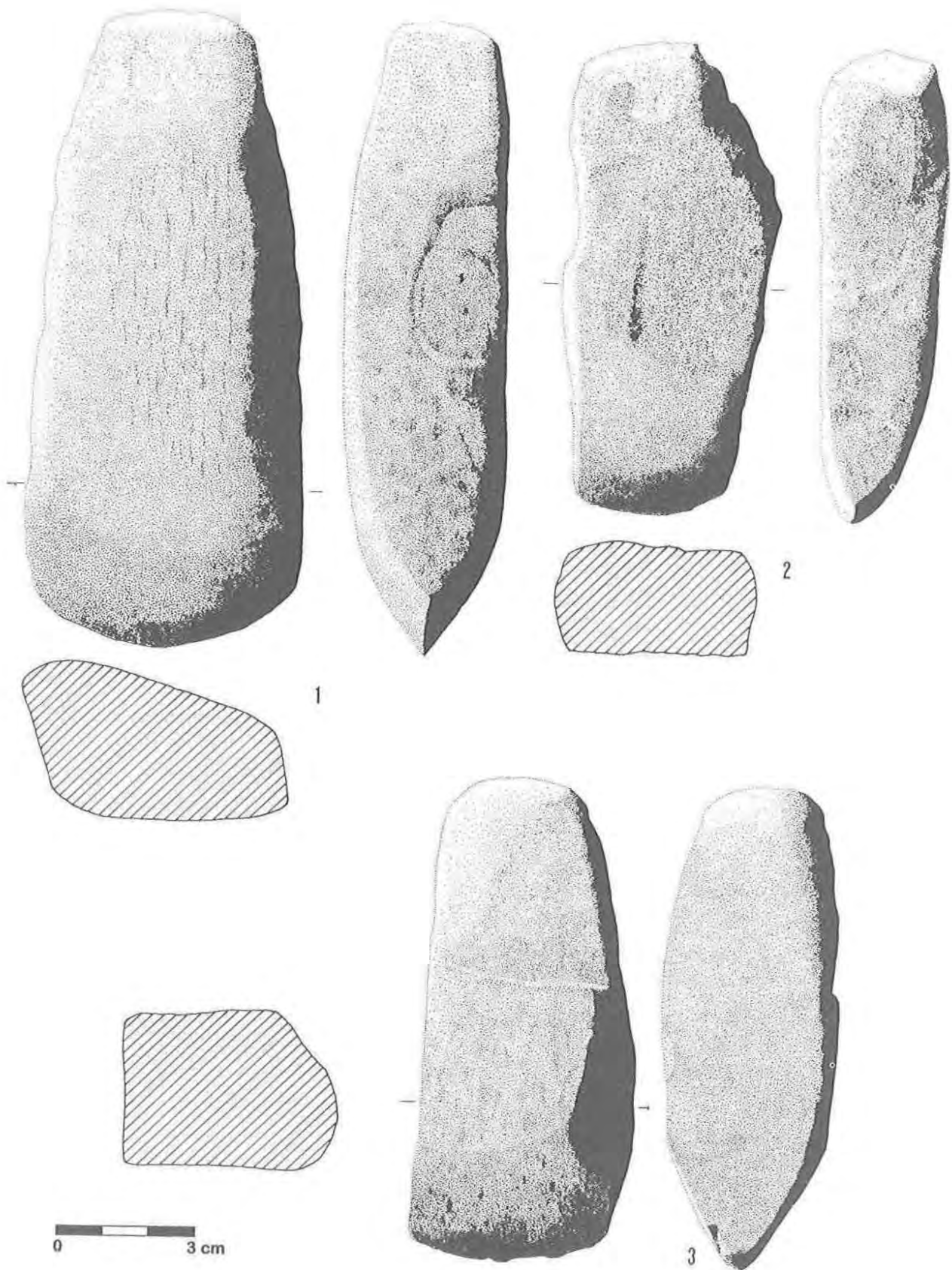


Fig. 5 — Anta do Penedo Gordo. Indústria de pedra polida.

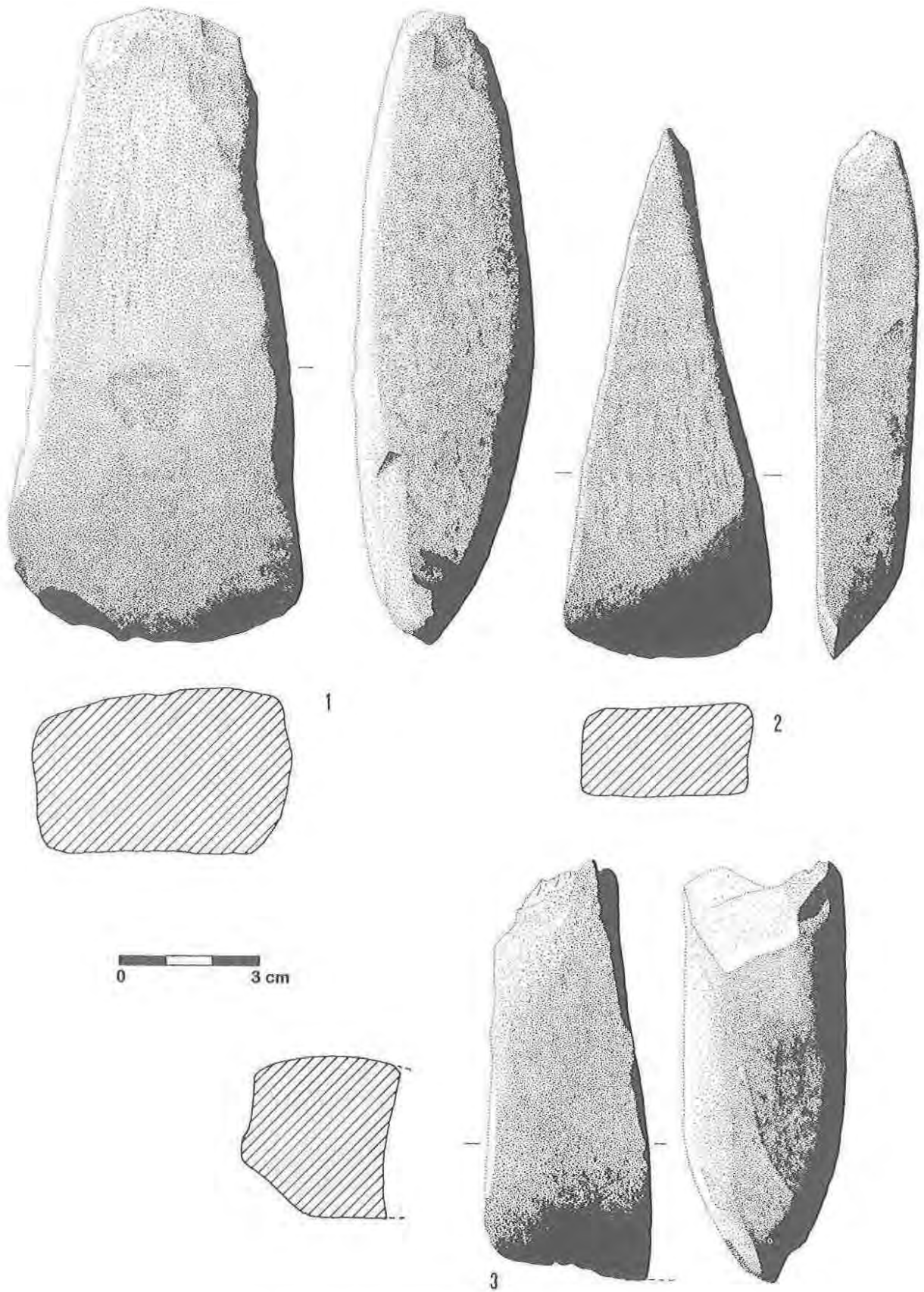


Fig. 6 — Anta do Penedo Gordo. Indústria de pedra polida.

### 5.3. Cerâmica

A intensa perturbação produzida por antigas violações no interior do monumento encontra-se bem evidenciada pela extrema fracturação que caracteriza, com raras excepções, o espólio cerâmico recolhido. Por tal motivo, não se considerou pertinente a separação entre os materiais recolhidos na câmara e no corredor, embora tal indicação seja apresentada nas legendas das respectivas figuras.

Constituído por cerca de 700 fragmentos, cerca de sete dezenas correspondem a sectores com interesse discriminante na tipologia dos recipientes, designadamente bordos, carenas ou fundos. Nas Figs. 7 a 13, apresentam-se todos os exemplares que reúnem pelos menos um dos referidos atributos.

Verifica-se que o quadro tipológico não difere do que caracteriza os monumentos dolmênicos do Alto Alentejo, com os quais, pela sua posição geográfica, a anta em apreço detém maiores afinidades. Deste modo, verifica-se a ocorrência quase exclusiva da cerâmica lisa, dita "dolmênica", exceptuando dois fragmentos de taças em calote com um ténue sulco abaixo do bordo, decoração conhecida circunstancialmente no conjunto de tais cerâmicas (Fig. 7, n.º 5; Fig. 11, n.º 2 e 6). Um outro fragmento, cujas pequenas dimensões impede caracterização formal mais pormenorizada, possui pequena protuberância, perfurada horizontalmente (Fig. 9, n.º 8). É provável que corresponda a um pequeno recipiente do tipo "lamparina", cuja suspensão era assegurada por perfurações horizontais ou verticais, executadas na parte mais proeminente do bojo de tais peças. Com perfurações horizontais, em protuberâncias mamilares idênticas à do exemplar em apreço, são as "lamparinas" recolhidas na *tholos* de Monte Velho (Ourique), republicadas por G. e V. Leisner (LEISNER, 1959, Tf. 43, 1, 3).

As peças restantes são lisas, inscrevendo-se, a maioria, no grupo das taças e dos esféricos de lábio simples, não espessado, ou apenas com ligeiro engrossamento. Algumas, apresentam o bordo extrovertido, tanto taças (Fig. 8, n.º 3) como esféricos (Fig. 7, n.º 3), ou introvertido, com o lábio aplanado (Fig. 9, n.º 6) ou convexo (Fig. 11, n.º 7).

O tamanho dominante de tais recipientes é médio a pequeno, existindo, porém, alguns esféricos de maior tamanho (Fig. 12, n.º 3), tal como algumas taças em calote (Fig. 10, n.º 5).

Um recipiente, igualmente pertencente ao grupo dos de maiores dimensões, possui a parede inclinada para o interior, podendo corresponder a vaso troncocónico ou bitroncocónico (Fig. 7, n.º 9). A ser assim, é de admitir que o fundo deste tipo de recipiente fosse plano, compatível com um exemplar recolhido (Fig. 8, n.º 8).

Apenas um fragmento possui o bordo em aba, com evidentes analogias com exemplares do Neolítico Final ou do Calcolítico da Estremadura (Fig. 8, n.º 5).

No conjunto, destacam-se algumas peças de tipologia menos frequente. É o caso dos seguintes recipientes:

— taças com carena baixa espessada, acentuada por cordão em relevo de fundo convexo (Fig. 7, n.º 7; Fig. 8, n.º 6; Fig. 9, n.º 1, 2 e 7; Fig. 11, n.º 8; Fig. 13, n.º 8 e 11). Trata-se de forma que se diferencia das bem conhecidas taças carenadas do Neolítico Final da Estremadura e do Sudoeste, não só pela posição e ângulo da carena, mas sobretudo pela existência de um toro ou ressalto externo, correspondente a um cordão que a acentua. Um dos exemplares (Fig. 9, n.º 2) pode ser considerado, em alternativa, como pertencente a um recipiente de paredes verticais, com evidentes analogias com os "copos" do Calcolítico inicial da Estremadura. Embora muito raras, as taças com carena baixa espessada, ocorrem em diversos dólmenes do Alto Alentejo, cujo espólio foi sistematicamente desenhado por G. e V. Leisner (LEISNER & LEISNER, 1959). É o caso da anta 2 de Alcogulo, Castelo de Vide (Tf. 3, 2, n.º 23); da anta do Arneirão, Crato (Tf. 6, 5, n.º 25); e da anta do Cabeço do Considreiro, Mora (Tf. 20, 3, n.º 9 e 10), além de se encontrar representada no Castelo de Pavia, Mora (Tf. 24, 3, n.º 6). Esta forma, caracterizada pelo espessamento da carena devido à presença de um cordão em relevo do seu lado externo, pode ser considerada como simples variante das taças de carena baixa e fundo acentuadamente convexo, de que existem paralelos em espólios funerários do Neolítico Final ou já atribuíveis ao Calcolítico.

— vasos de parede reentrante em torno da abertura (Fig. 13, n.º 12). Corresponde a uma forma ainda mais rara que a anterior no conjunto da olaria dolmênica alentejana. Desconhecida na Estremadura, no decurso do Neolítico Final e do Calcolítico, a sua presença foi reportada por G. e V. Leisner (LEISNER & LEISNER, 1959) na anta 1 da Herdade da Ordem, Avis (Tf. 15, 1, n.º 68) e na anta 1 do Olival da Pega, Reguengos de Monsaraz (Tf. 40, 1, n.º 22). Um vaso globular, recolhido na anta 1 do Olival da Pega, Reguengos de Monsaraz (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. XXIV, n.º 4), possui também uma marcada aba introvertida, em torno da abertura, embora não separada do bojo por carena, como no presente exemplar. Certo tipo de "lamparinas", como dois exemplares recolhidos na *tholos* do Monte Velho, Ourique (Tf. 43, 1) possuem, também a abertura delimitada por parede reentrante como a do presente exemplar, que difere daqueles por ser mais fundo e de maiores dimensões, contrariando aquela utilização.

Mas os paralelos mais chegados, integrando-se claramente neste tipo de recipientes, provêm da mamoa da Charneca das Canas (Fratel, Vila Velha de Rôdão), monumento atribuível ao Calcolítico Inicial (SILVA, 1991, Fig. 15, n.º 39, 40). Com efeito, nele não foi encontrado nenhum *item* característico do Neolítico Final, como os geométricos ou as pontas de seta de base triangular ou pedunculada, abundando, em contrapartida, as pontas de seta de base côncava bem marcada (SILVA, 1991); outros elementos de pedra lascada, como os punhais, podem ser tanto do Neolítico Final, como já calcolíticos. Atendendo à homogeneidade do espólio e à evidente semelhança da arquitectura do monumento e do seu espólio (mamoa não megalítica) a sepultura recentemente explorada na região (escavações inéditas, realizadas por J. C. Caninas, F. Henriques e pelo signatário), crê-se que esta mamoa tenha conhecido uma curta mas intensa ocupação, correlativa do povoado calcolítico da Charneca do Fratel, situado a poucas dezenas de metros.

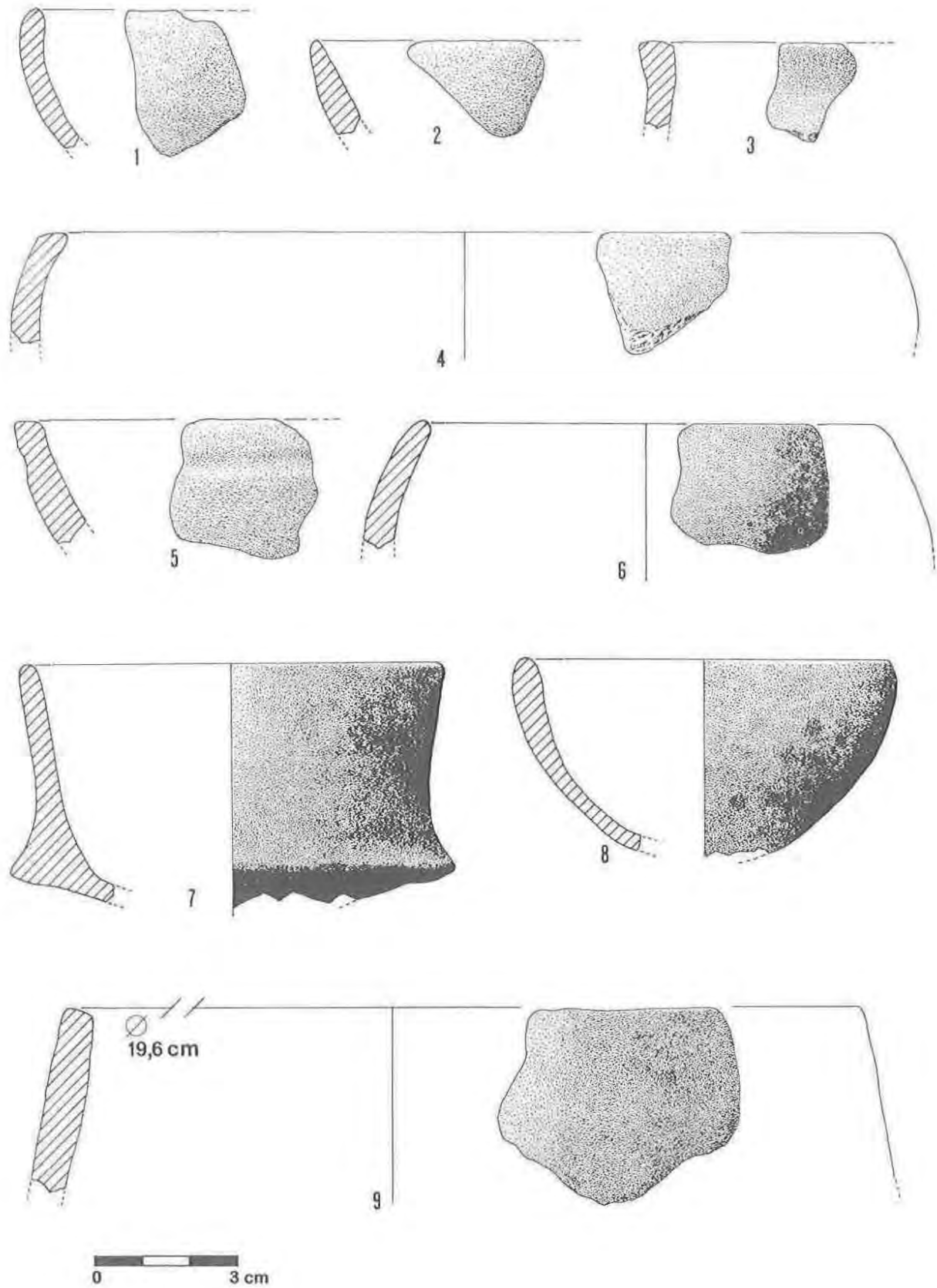


Fig. 7 — Anta do Peneão Gordo. Indústria cerâmica (1 a 5, corredor; 6 a 9, câmara).

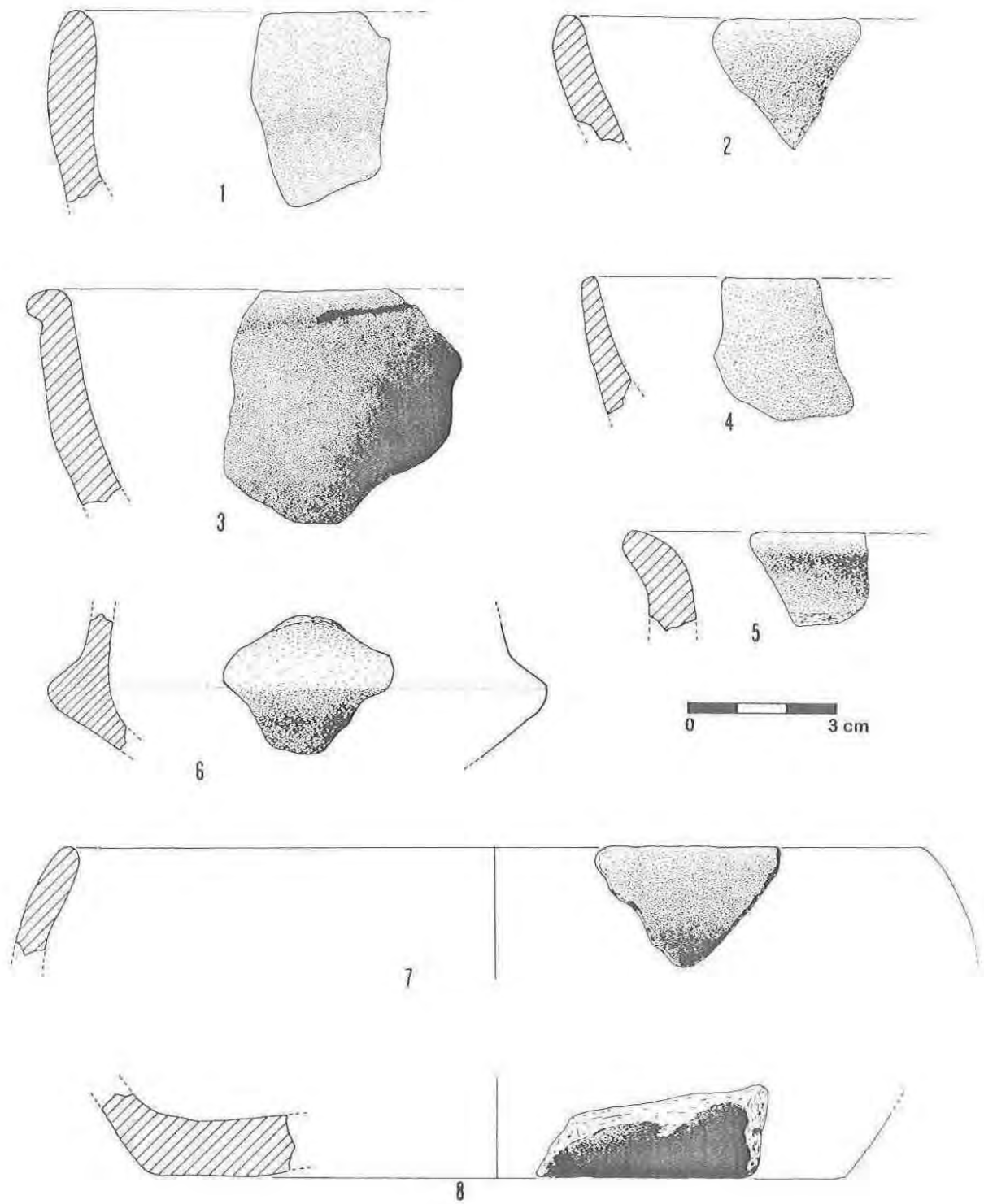


Fig. 8 — Anta do Penedo Gordo. Indústria cerâmica, recolhida na câmara.

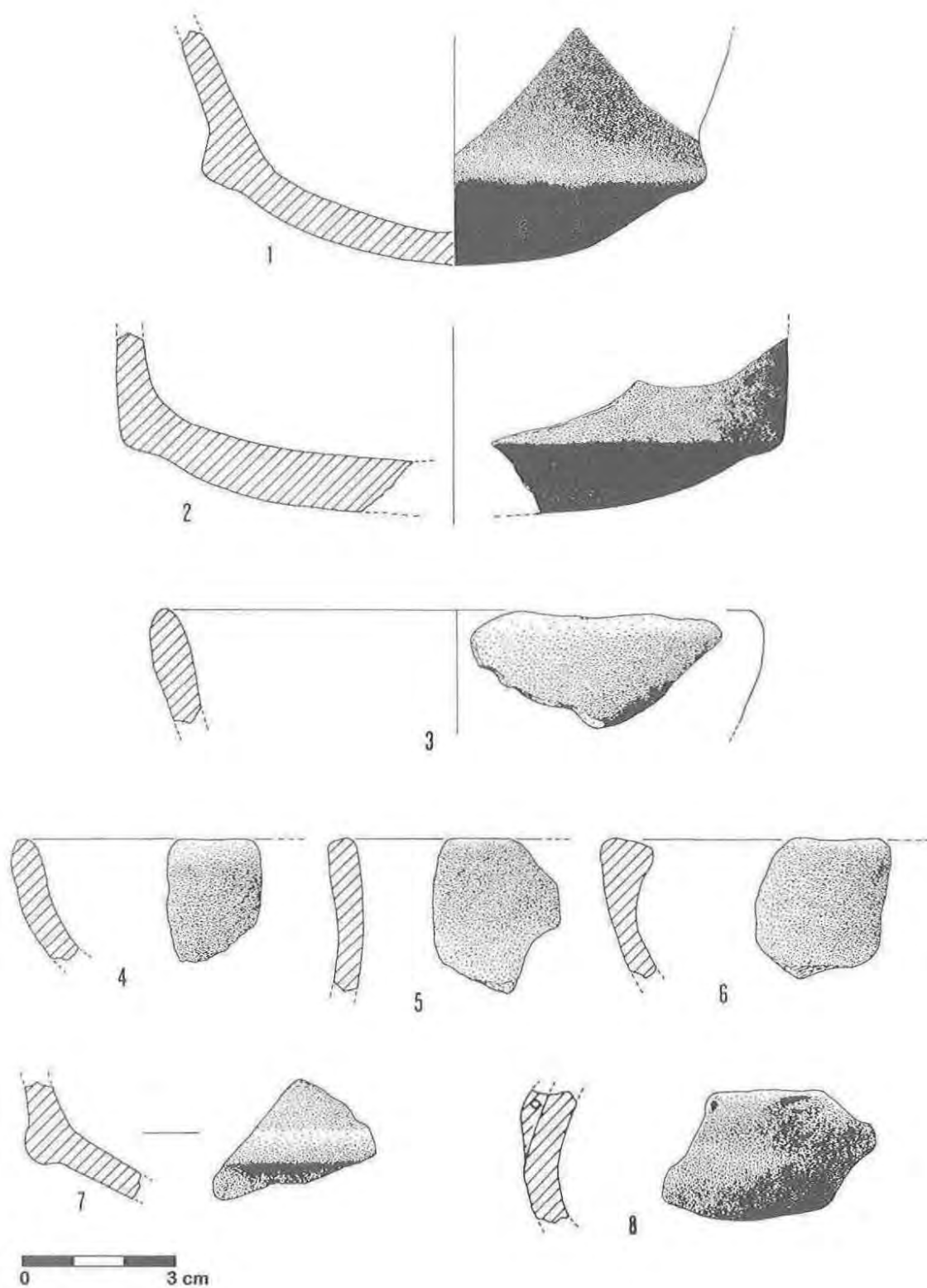


Fig. 9 — Anta do Penedo Gordo. Indústria cerâmica, recolhida na câmara.

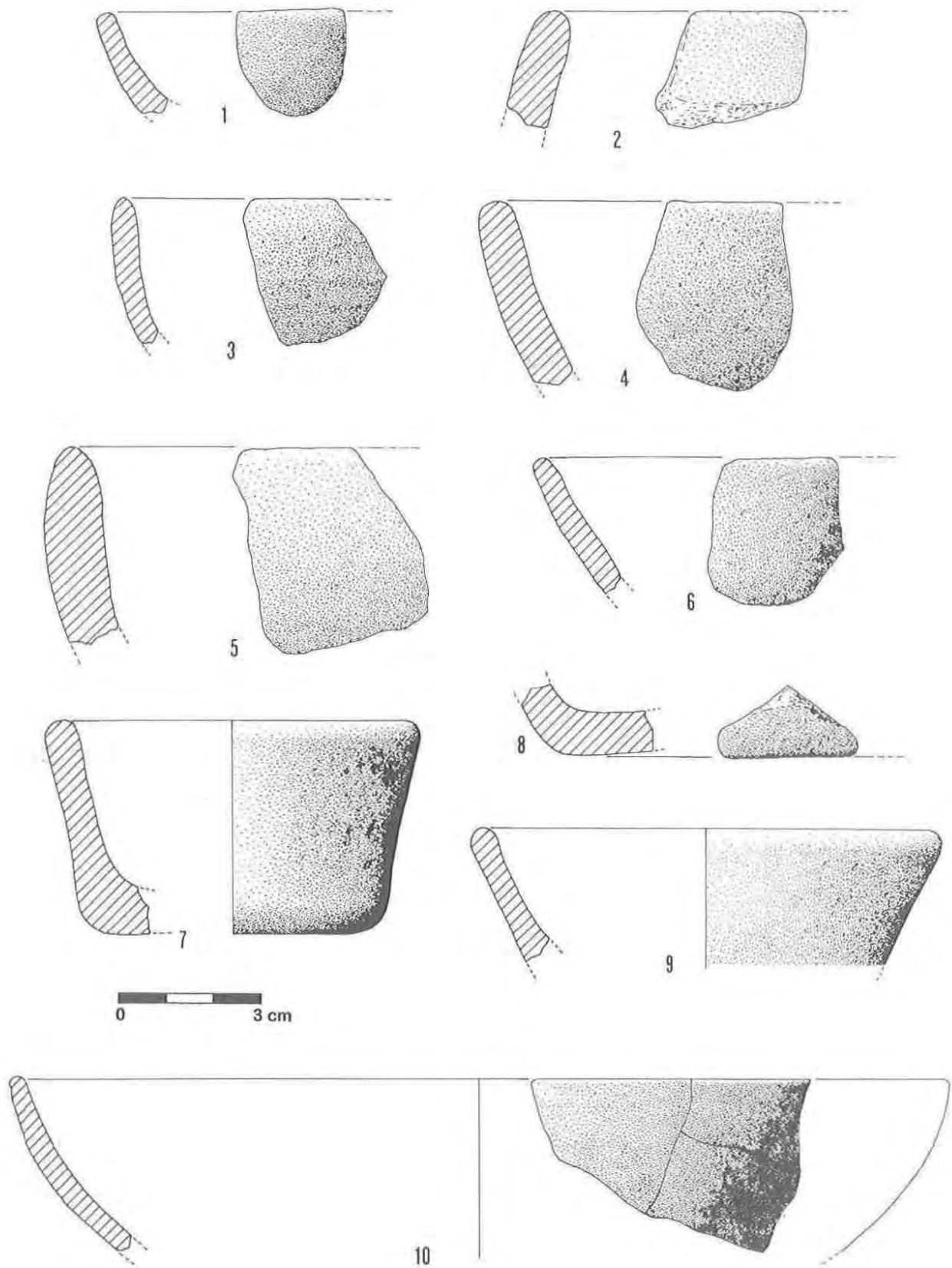


Fig. 10 — Anta do Penedo Gordo. Indústria cerâmica, recolhida no corredor.



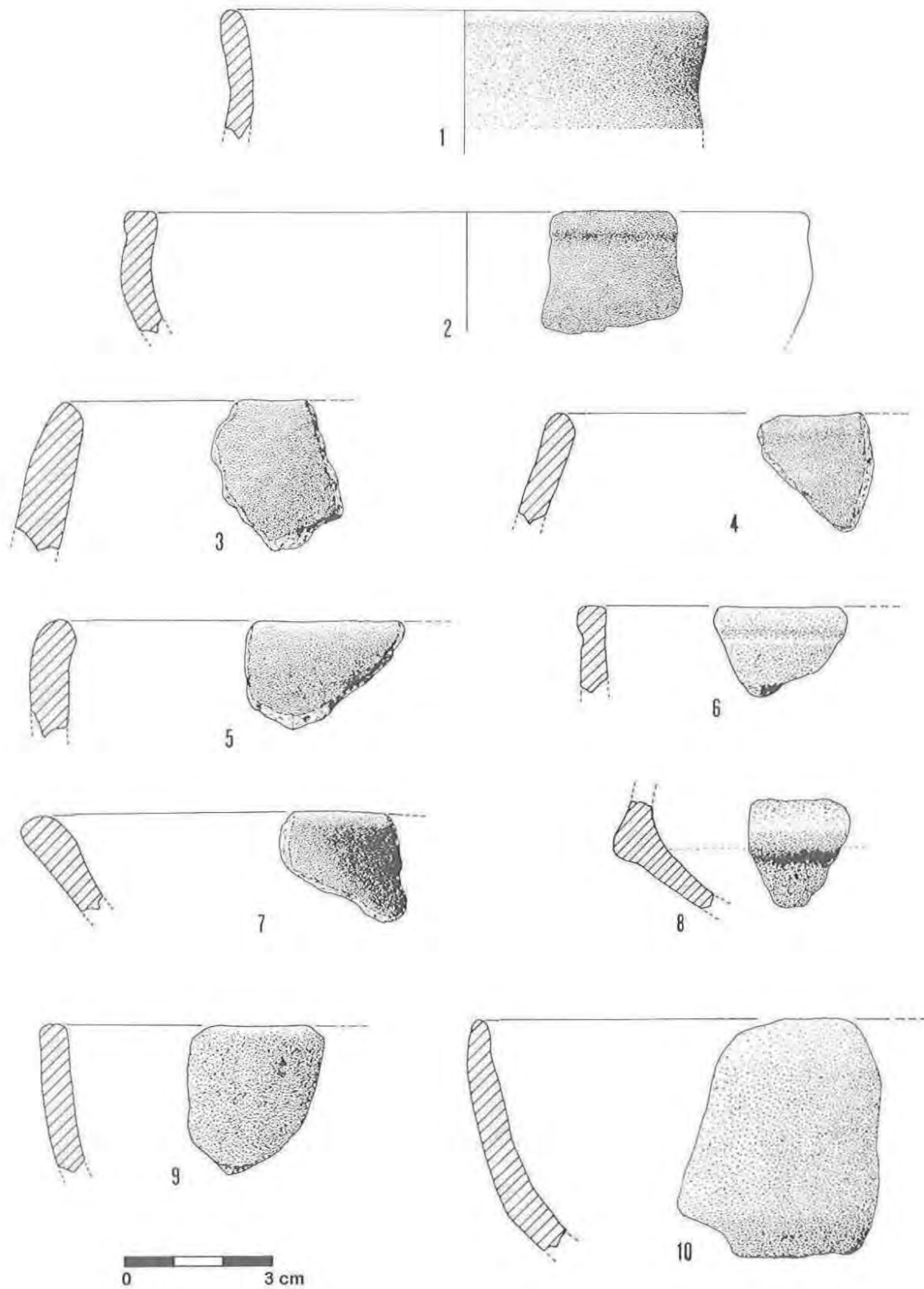


Fig. 11 — Anta do Penedo Gordo. Indústria cerâmica, recolhida no Quadrado A13 (exterior do corredor).

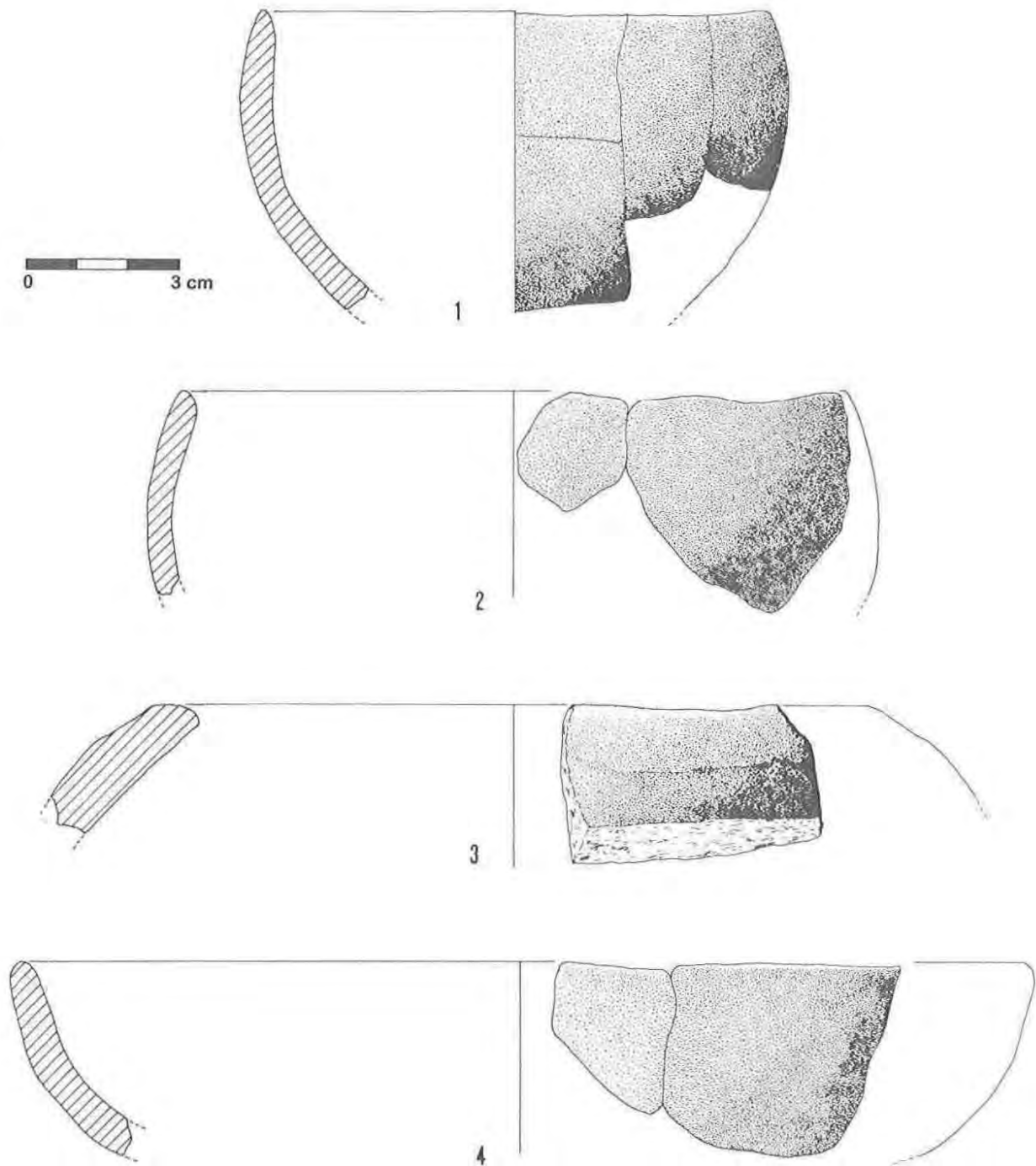


Fig. 12 — Anta do Penedo Gordo, Indústria cerâmica, recolhida no Quadrado A13 (exterior do corredor).

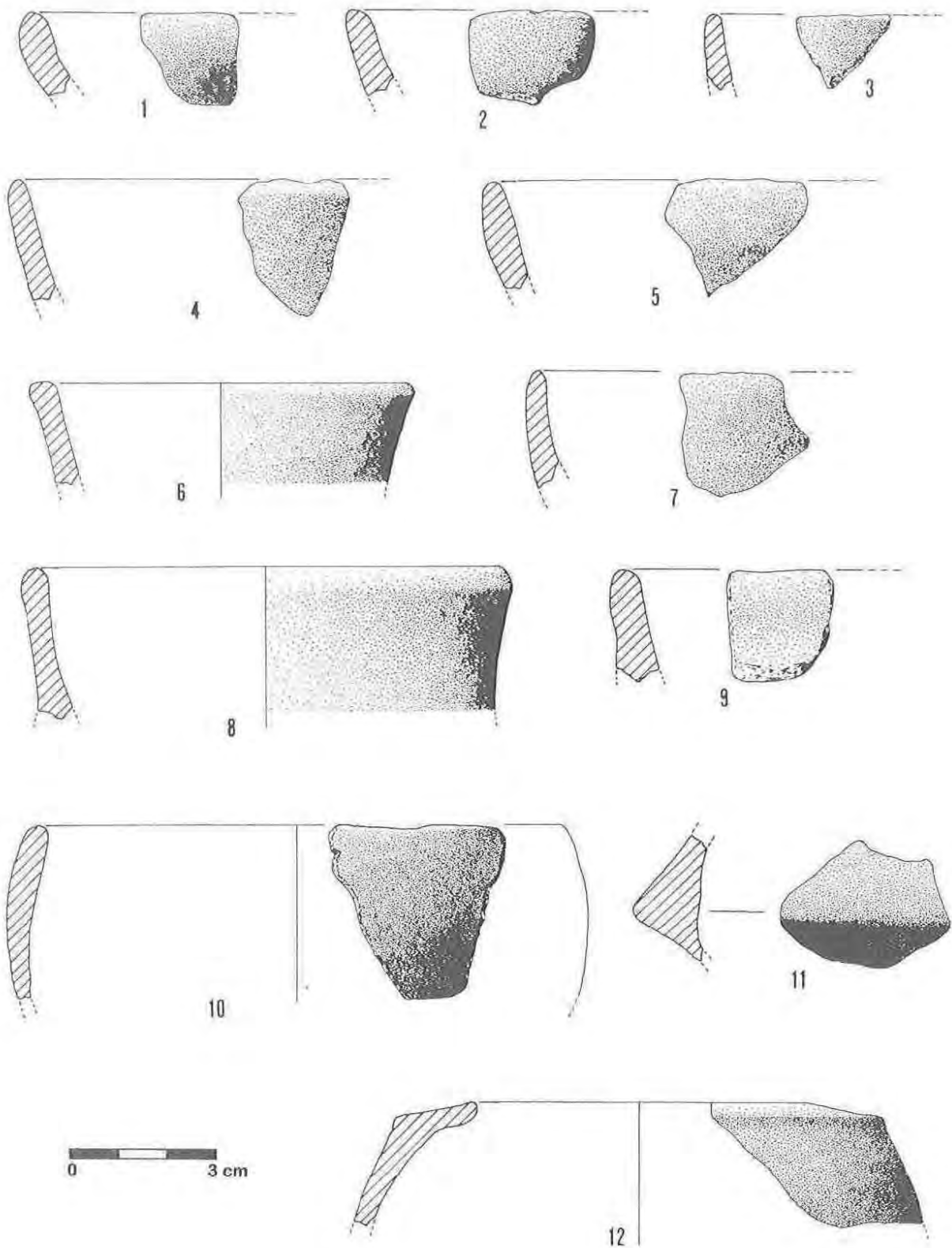


Fig. 13 — Anta do Penedo Gordo. Indústria cerâmica, recolhida na cerâmica.

— vasos troncocônicos de fundo plano e mais ou menos espesso (Fig. 10, n.º 7). Conquanto representados na anta em estudo por apenas um exemplar, que permitiu reconstituição total, trata-se da forma mais frequente no âmbito das cerâmicas dolmênicas alentejanas, das três agora tratadas em particular, apesar de ser quase nula a sua presença nos conjuntos neolíticos e calcolíticos estremenhos. Assim, G. e V. Leisner (LEISNER & LEISNER, 1959) identificaram vasos homólogos na anta 3 de Casa Branca, Mora (Tf. 20, 2, n.º 18, 19 e 20); anta 4 de S. Brissos, Mora (Tf. 21, 4, n.º 13); anta Grande da Comenda da Igreja, Montemor-o-Novo (Tf. 26, 1, n.º 28, 30, 31); anta 1 do Olival da Pega, Reguengos de Monsaraz (Tf. 40, 1, n.º 29). Vasos deste tipo provêm, igualmente, tanto de monumentos dolmênicos da Beira Alta como é o caso dos dólmenes de Carapito (LEISNER & RIBEIRO, 1968; CRUZ & VILAÇA, 1990), como de sepulturas do Baixo Alentejo e do Algarve: no primeiro caso, encontra-se a *tholos* de Monte Velho, Ourique (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 43, 1, n.º 7); no segundo, a necrópole de cistas megalíticas de Palmeira, Monchique (Tf. 47, 7, n.º 19). Esta forma, correspondente a vasos de pequenas dimensões e de paredes e fundos espessos, tem igualmente exemplares muito próximos em dólmenes da região de Cáceres (Vega del Guadancil, Tf. 54, 1, n.º 69) e de Huelva (El Pozuelo 6, Tf. 48, 5, n.º 12), evidenciando deste modo uma vasta distribuição geográfica, desprovida de significado cultural evidente. Também a já aludida mamoa não megalítica de Charneca das Canas forneceu um vaso muito próximo do exumado no monumento dolmênico em apreço (SILVA, 1991, Fig. 16, n.º 42).

#### 5.4. Placas decoradas

1 — Fragmento de placa decorada de xisto cinzento escuro, de fina espessura, correspondente ao canto superior esquerdo da peça, Quadrado N 1, correspondente ao enchimento do alvéolo de implantação do esteio da cabeceira.

Possui decoração no anverso e no reverso, constituída por triângulos longos invertidos, preenchidos interiormente, como é usual em tais peças. No anverso, conservou-se ainda parcialmente uma barra horizontal, correspondente à separação entre a parte superior e o corpo da placa (Fig. 14, n.º 1).

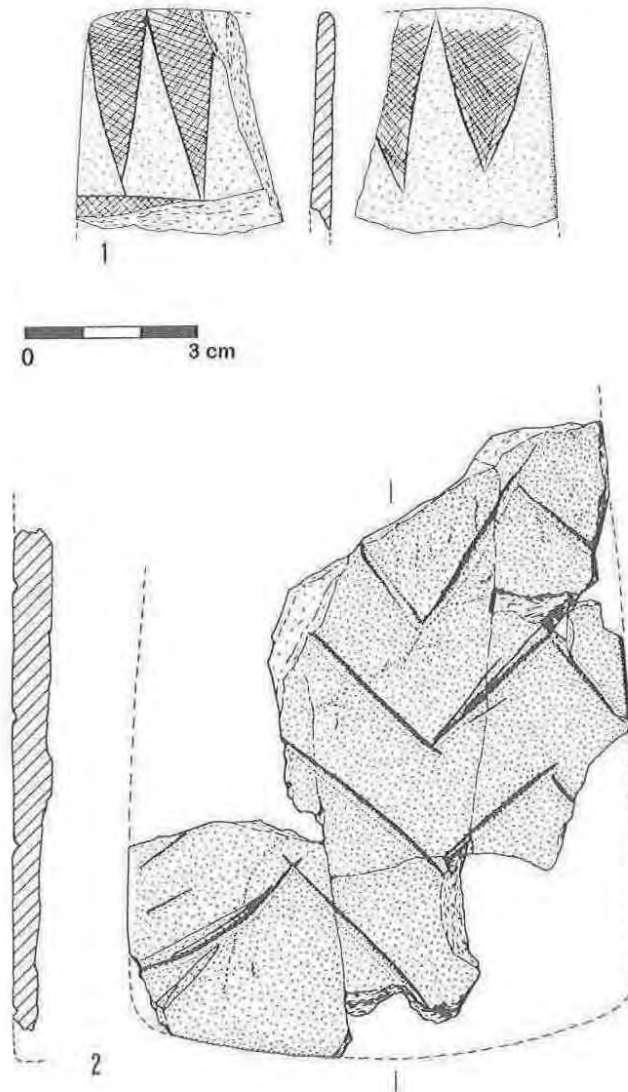


Fig. 14 — Anta do Penedo Gordo. Fragmentos de placa de xisto decorada em ambas as faces (1) e de arenito, da qual apenas se conservou parcialmente o reverso (2), recolhidos no Quadrado N10 (enchimento do alvéolo do esteio da cabeceira da câmara, n.º 17).

A bibliografia regista numerosos casos de placas com decoração em ambas as faces. Nalguns casos, tal situação deveu-se simplesmente ao abandono do desenho, apenas esboçado, retomando-o na face oposta; é o que parece ter ocorrido neste exemplar, dada a semelhança de motivos e a sua disposição, a partir do topo da placa; assim sendo, a decoração ter-se-ia iniciado pelo actual reverso, entretanto substituído em benefício da face oposta. Noutros casos, o anverso mostra-se com início de decoração a partir da base da placa; o caso mais expressivo de tal situação de que há conhecimento corresponde a uma placa recolhida na Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992, Est. 41, n.º 1)

2 — Placa de arenito castanho claro, da qual se conservou apenas parte do reverso. A marcada xistosidade fez com que a placa se separasse longitudinalmente em duas metades, das quais nenhum fragmento se recolheu do anverso. Quadrado N 1, correspondente ao alvéolo de implantação do esteio da cabeceira. O reverso, também incompleto, apresenta-se decorado por linhas em ziguezague horizontais, produzidas por incisão, das quais se conservam quatro, atravessando toda a largura da placa.

A análise comparativa desta placa, tendo presente a matéria-prima e a tipologia da decoração do reverso, conduziu a integrá-la no grupo das placas de cunho marcadamente antropomórfico, com a representação da face, dos braços e das mãos da divindade, as quais existiriam na face desaparecida.

Estas placas, de evidente homogeneidade interna, diferenciam-se das vulgares placas de xisto não só pela iconografia peculiar que as caracteriza, mas também pela matéria-prima em que são confeccionadas, por serem na sua quase totalidade, como a agora identificada, de arenito.

O. da Veiga Ferreira dedicou-lhes um estudo, no qual inventariou os seguintes exemplares (FERREIRA, 1973): anta de Barbacena, Elvas; Vega del Guadancil, Cáceres; Idanha-a-Nova; anta 2 do Couto de Andreiros, Crato; anta do Couto do Vale Magro, Crato; antas de Montemor-o-Novo (2 exemplares, um deles correspondendo apenas a porção inferior, com a extremidade dos braços e as mãos).

Aos sete exemplares inventariados pelo referido autor, somam-se mais quatro, assim distribuídos: duas da anta dos Penedos de S. Miguel, Crato, recuperadas em escavações dirigidas pelo Prof. Doutor Victor S. Gonçalves, outra na anta da Bola de Cera, Marvão (OLIVEIRA, 1995) e, por último, uma quarta na anta dos Pombais, também no concelho de Marvão, reduzida à parte superior, com "cabeça" individualizada (OLIVEIRA, 1992, p. 59). Esta anta continha, ainda, outras placas de arenito, com vazamento da parte média, correspondentes talvez à individualização dos braços, cujo reverso, num dos casos é decorado também com linhas horizontais em ziguezague.

Verifica-se, deste modo, que a distribuição geográfica deste tipo de placas corresponde a uma faixa com a orientação Nordeste-Sudoeste, desde a região de Idanha-a-Nova, até à de Montemor-o-Novo, tendo em largura, como limites, Cáceres e Gavião, sobre o rio Tejo. A maior concentração de ocorrências corresponde, como seria de esperar, à zona central da referida área de dispersão geográfica (zona de Crato/Marvão), com metade dos achados compulsados (6, num total de 12, incluindo o presente exemplar).

## 6. CONCLUSÕES

A anta do Penedo Gordo é um grande monumento de granito, de câmara poligonal alongada constituída por nove esteios e corredor médio, em posição simétrica e orientado para ENE. A cabeceira é ladeada por dois esteios menores, com o formato de "pilar", variante arquitectónica pouco frequente no Alto Alentejo, estando melhor representada na Beira Alta (MOITA, 1966; CRUZ, CUNHA & GOMES, 1988/1989; VILAÇA & CRUZ, 1990). A tipologia do monumento integra-se na fase de apogeu do megalitismo regional, atingido no decurso do Neolítico Final, observado na segunda metade do IV milénio a. C. Tal atribuição é suportada pelas características do espólio exumado.

O monumento situa-se a pequena distância da margem direita do Tejo, numa região que corresponde à transição entre o Ribatejo e a Beira Baixa, por um lado, e entre esta última região e o Alto Alentejo, por outro. Trata-se, pois, de situação geográfica propícia aos intercâmbios de índole transregional, da Pré-História, fortemente potenciados pela importante via de circulação que era o Tejo, já então intensamente utilizada para o comércio de matérias-primas entre diversas áreas geográficas, numa perspectiva de complementaridade. É assim que se podem explicar as pontas de seta exumadas neste dólmen, todas de sílex, cujas características são compatíveis com origem no maciço calcário da Estremadura, de idade mesosóica, sendo no entanto possíveis diversas zonas de extracção, desde a região de Azambuja e de Ota, talvez aquela que fornecia o sílex utilizado pelas populações dos concheiros de Muge (PINTO, 1932), até à região de Rio Maior, onde tal matéria-prima é muito abundante e de excelente qualidade. A sua tipologia indica o Neolítico Final, sendo análogas a conjuntos anteriormente estudados, tanto da região ocidental, como é o caso do proveniente das grutas da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996), como dos monumentos da fase de apogeu do megalitismo regional, como a anta 2 do Couto da Espanhola, na área do Tejo Internacional, em Rosmaninhal, Idanha-a-Nova (CARDOSO, CANINAS & HENRIQUES, 1997, 2000). Importa assinalar, pois, as afinidades do espólio deste monumento megalítico com o exumado em monumentos do sul da Beira interior, alguns deles já reportáveis ao Calcolítico, como é o caso da referida mamoa da Charneca

das Canas (Fratel, Vila Velha de Ródão), cuja natureza petrográfica do espólio lítico de pedra lascada (silex) evidencia também assinaláveis relações de permuta com a Estremadura.

Por outro lado, a exclusividade de peças de silex, entre a indústria de pedra lascada, não será estranha à existência de fontes de rocha duras, de tipo anfibolítico, nas proximidades imediatas da anta do Penedo Gordo, na região de Abrantes: trata-se da "Série Negra", atribuível ao Precâmbrico Superior (ZBYSZEWSKI, CARVALHOSA & GONÇALVES, 1981; CARDOSO & CARVALHOSA, 1995). Tais rochas eram seguramente permutadas com o silex estremenho, garantindo deste modo o abastecimento da Estremadura de rochas anfibolíticas ali inexistentes, mas indispensáveis, pelas suas características mecânicas, à confecção de boa parte da panóplia de artefactos de pedra polida recolhidos nos povoados daquela região: é o caso de Leceia, onde se documentou uma presença crescente de anfiboloxistos, entre o Neolítico Final e o Calcolítico Pleno, onde ultrapassam os 80% dos instrumentos de pedra polida recolhidos (CARDOSO, 1999/2000).

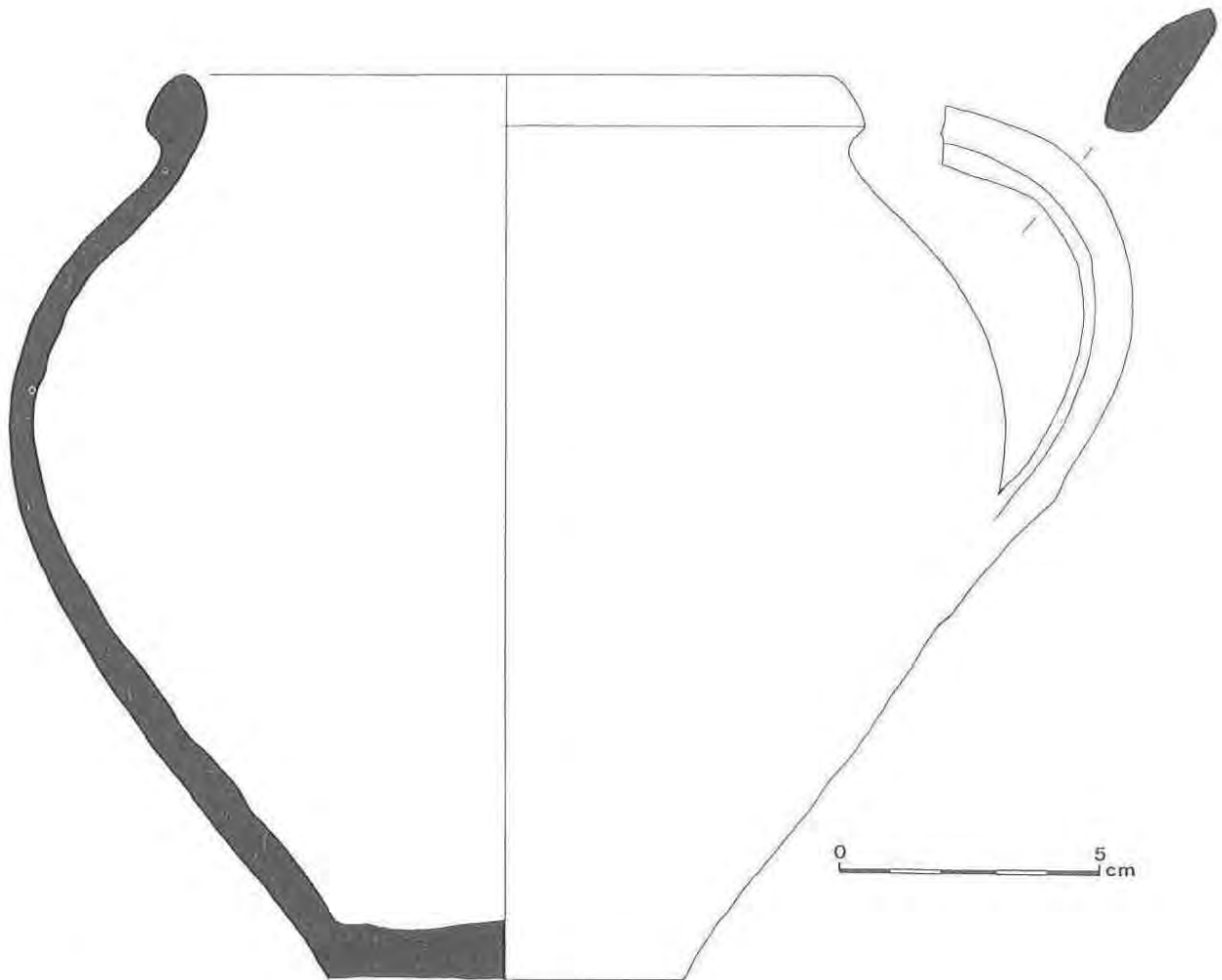


Fig. 15 — Anta do Penedo Gordo. Recipiente moderno ou contemporâneo, recolhido no Quadrado N10 (enchimento do alvéolo do esteio da cabeceira da câmara, n.º 17).

A existência de afloramentos de anfiboloxistos na região adjacente à anta do Penedo Gordo explica, assim, a exclusividade deste tipo petroográfico na confecção dos quatro machados e das duas enxós recolhidas, cuja tipologia é, também, compatível com o Neolítico Final.

A indústria cerâmica enquadra-se, também, entre as formas correspondentes à fase de apogeu do megalitismo alto-alentejano: todos os monumentos dolmênicos que forneceram recipientes tipologicamente mais peculiares, comparáveis aos identificados na anta do Penedo Gordo, pertencem a tal etapa cronológico-cultural, sendo de referir que, nalguns casos, tais formas se prolongaram pelo Calcolítico. É caso das taças de carena baixa, com ou sem ressalto espessado na carena, como os exemplares da Fig. 7, n.º 7 e das Fig. 9, n.º 1 e 2; forma análoga foi registada no conjunto das cerâmicas campaniformes portuguesas, com exemplares nas grutas artificiais da Quinta das Lapas, Torres Vedras (GONÇALVES, 1992, Fig. 17, n.º 3), nas grutas artificiais da Quinta do Anjo, Palmela (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961, Pl. I, n.º 2) e no

dólmen de Montum, Melides (FERREIRA *et al.*, 1975, Pl. A, n.º 5), registando-se, por outro lado, a semelhança formal de algumas com os “copos” do Calcolítico Inicial da Estremadura (é o caso do exemplar da Fig. 9, n.º 2).

Os dois fragmentos de placas, especialmente o exemplar de arenito, remete, igualmente para época tardia das manifestações dolmênicas; os seus homólogos pela iconografia, têm, com efeito, evidentes analogias com alguns artefactos ideotécnicos de calcário, já calcolíticos.

Deste modo, a construção do monumento e a sua utilização principal ter-se-ia realizado no decurso do Neolítico Final regional, podendo porém aquela ter-se prolongado pelos primórdios do Calcolítico, ainda que de forma pouco evidente, ou esporádica.

Enfim, a vasilha quase completa, encontrada nas terras de preenchimento do alvéolo do grande esteio da cabeceira (Fig. 15), ali abandonada aquando da remoção do monólito da sua posição inicial, remonta a época recente (século XVIII ou XIX). Terá relação com a tentativa de reaproveitamento daquele esteio como mó, com cerca de 1,10 m de diâmetro, como sugere o trabalho executado num dos seus lados, mas não concluído.

## AGRADECIMENTOS

Cumprе agradecer (A. L. C.) à Câmara Municipal do Gavião nas pessoas do seu então Presidente, Senhor Jaime Cordas Estorninho, bem como do então Vereador do Pelouro da Cultura e seu actual Presidente, os apoios humanos e logísticos prestados no decurso dos trabalhos, sem os quais estes não teriam sido possíveis.

Igualmente se agradece (J. L. C.) ao Prof. Doutor Victor S. Gonçalves as indicações referentes às duas placas da anta dos Penedos de S. Miguel (Crato), ainda inéditas, bem como à Prof. Doutora Raquel Vilaça a indicação de bibliografia.

## BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, R. P. (1987) — Contribuição para a carta arqueológica da freguesia de Belver (concelho de Gavião). *Primeiras Jornadas Arqueológicas do Nordeste Alentejano* (Castelo de Vide, 1985). Actas, Coimbra, pp. 83-99.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHOSA, A. B. (1995) — Estudos petrográficos de artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Análises de proveniências. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 5, pp. 123-151.
- CARDOSO, J. L. (1992) — A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, pp. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) — Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 8, pp. 241-323.
- CARDOSO, J. L. (2000) — Arquitectura, espólio e rituais de dois monumentos megalíticos da Beira Interior: estudo comparado. *I Colóquio Internacional sobre Megalitismo* (Reguengos de Monsaraz, 1996). Actas. Lisboa, pp. 195-214 (Trabalhos de Arqueologia, 14).
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (1997) — Contributos para o conhecimento do megalitismo na Beira Interior (Portugal): a região do Tejo Internacional. *II Congresso de Arqueologia Peninsular* (Zamora, 1996). Actas. Zamora, 2, pp. 207-215.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. da Veiga & CARREIRA, J. R. (1996) — O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, pp. 195-256.
- CRUZ, D. J. da & VILAÇA, R. (1990) — *Trabalhos de escavação e restauro no dólmen 1 do Carapito* (Aguiar da Beira, dist. da Guarda). Resultados preliminares. Porto. Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa (Faculdade de Ciências do Porto). 45, 23 p.
- CRUZ, D. J. da; CUNHA, A. Leite da, GOMES, L. F. L. (1988/1989) — A orca de Corgas de Matança (Fornos de Algodres). *Portvgalia*. Porto. 9/10 (N. S.), pp. 31-48.
- FERREIRA, O. da Veiga (1973) — *Acerca das placas-idolos com mãos encontradas em Portugal e o culto da fecundidade. Estudos dedicados al Profesor Dr. Luis Pericot*. Barcelona. Universidad de Barcelona, Instituto de Arqueologia y Prehistoria, pp. 233-240.
- FERREIRA, O. da Veiga; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T. & SOUSA, H. R. de (1975) — Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa, 59, pp. 107-192.
- GONÇALVES, J. L. M. (1992) — Grutas artificiais da Quinta das Lapas (Monte Redondo — Torres Vedras). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, pp. 247-276.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) — *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura, 322 pp.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) — *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & CO., 349 pp. (Madrider Forschungen, Band 1 /2).
- LEISNER, V. & RIBEIRO, L. (1968) — Die dolmen von Carapito. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg, 9, pp. 11-62.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) — *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa, 60 pp. (Memória n.º 8. Nova Série).
- OLIVEIRA, J. (1992) — A anta dos Pombais Beirã — Marvão (notas de escavação). *Ibn Maruán*. Portalegre, 2, pp. 51-89.
- OLIVEIRA, J. M. F. de (1995) — *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever*. Dissertação de doutoramento. Universidade de Évora, 3 vols.

- PINTO, R. de Serpa (1932) — Notas sobre a indústria microlítica do Cabeço da Arruda (Muge). *Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Lisboa. Actas, 5, Madrid, pp. 49-54.
- SILVA, F. A. Pereira da (1991) — *Mamoá da Charneca das Canas Fratel (concelho de Vila Velha de Ródão)*. Castelo Branco: Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão.
- VILAÇA, R. & CRUZ, D. J. da (1990) — *A Casa da Orca da Cunha Baixa*. Câmara Municipal de Mangualde, 37 pp. (Terras de Azurara e Tavares II).
- ZBYSZEWSKI, G.; CARVALHOSA, A. B. & GONÇALVES, F. (1981) — *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da Folha 28-C (Gavião)*. Lisboa. Serviços Geológicos de Portugal.

## RESUMO

Apresentam-se os resultados da escavação realizada na anta do Penedo Gordo (freguesia de Belver, concelho de Gavião), realizada em 1990.

A exploração, conduzida pelo IPPAR com o apoio da Câmara Municipal de Gavião, teve como objectivo verificar o interesse arqueológico do monumento, bem como proceder à sua consolidação e recuperação, tendo em vista a sua fruição pública, objectivos que foram atingidos.

Do ponto de vista arquitectónico, da mamoa apenas restavam vestígios. Quanto à estrutura pètreia propriamente dita, trata-se de dólmen de assinaláveis dimensões, integralmente construído com esteios de granito, de origem local, com câmara alongada, de planta poligonal, primitivamente constituída por nove esteios, com cabeceira bem diferenciada, ladeada por dois pequenos esteios estreitos e alongados ("pilares"), a que se sucede corredor de comprimento médio, orientado para ENE, originalmente constituído de ambos os lados por quatro esteios, menores que os da câmara, dos quais os dois da entrada poderiam delimitar pequeno átrio exterior. É, pois, monumento de arquitectura evoluída, integrável na fase de apogeu do megalitismo regional, integrável no Neolítico Final.

Esta conclusão é inteiramente corroborada pelas características do espólio exumado, já muito remexido, tanto na câmara como no corredor, como se conclui pela grande depressão existente naquela e ainda pelo facto da maior parte dele provir de área adjacente ao corredor, das terras dali provavelmente provenientes. De assinalar a presença exclusiva, entre os materiais de pedra lascada, do sílex, com origem no maciço calcário estremenho (corporizando comércio transregional desta matéria-prima) e, no tocante aos artefactos de pedra polida, de rochas anfibolíticas, obtidas nas proximidades, na região de Abrantes. É de destacar, no tocante aos objectos simbólicos, duas placas, uma de xisto com decoração em ambas as faces, outra de arenito, pertencente ao grupo restrito das que possuem representação antropomórfica, com braços e mãos (infelizmente desaparecidos), pertencentes a uma fase final do Neolítico, ou já ao Calcolítico. Com efeito, a decoração conservada no reverso não deixa dúvidas quanto à integração naquele grupo, actualmente representado por 11 exemplares, cuja distribuição geográfica tem o seu núcleo na zona de Crato/Marvão. No concernente ao espólio cerâmico, abundante mas muito fracturado devido às aludidas violações, identificaram-se diversas formas mais raras no conjunto das cerâmicas dolménicas alentejanas, as quais podem integrar-se no Neolítico Final ou já no Calcolítico, correspondente, em tal caso, à continuação da utilização do monumento.

O espólio exumado na anta do Penedo Gordo reflecte a relação entre dois domínios geográficos adjacentes, a Estremadura, por um lado, e o interior alto-alentejano, por outro, o que é facilmente explicável pela sua posição geográfica, reforçada pela proximidade do Tejo, constituído, desde muito cedo, como via de penetração e de circulação de pessoas e mercadorias.

## SUMMARY

The results of the excavation of Anta do Penedo Gordo (Belver, Gavião) made in 1999, are presented in this study. The excavation, lead by IPPAR with the support of the Municipality of Gavião, aimed at defining the archaeological importance of the monument and conducting its rehabilitation in order to be visited by the public.

From a monumental point of view, the rocky structure is a dolmen of significant proportion, with an elongated polygonal chamber, constructed with nine locally-originated monoliths of granite, followed by a corridor of average size, oriented ENE, originally constituted on both sides by four stones, smaller than those of the chamber, and probably limiting a small atrium open to the exterior. The monument presents a evolved architecture dating from full regional megalithism, Late Neolithic.

This conclusion is in concordance with the characteristics of the archaeological remains, already quite disturbed, in the chamber as well as in the corridor. Among the stone materials, there is an exclusive presence of flint, originated on the calcareous mesozoic formations of Estremadura and indicating the existence of a regional trade, and also polished stone artefacts of amphibolitic rocks, from the near-by region of Abrantes. Concerning the symbolic objects, it is important to remark two plates, one in schale with both faces decorated and another in sandstone, belonging to a restrict group of pieces having anthropomorphic representations, with arms and legs (unfortunately missing) from the Late Neolithic or eventually from the Chalcolithic. As a matter of fact, the decoration preserved on the bottom of the pieces leaves no doubt as for their integration in that group, presently represented by 11 plates, whose main concentration is the area of Crato/Marvão. Concerning the ceramic remains, quite abundant but quite fractured, some rare forms could be identified and related to the dolmenic ceramics from Alentejo, from Late Neolithic or Chalcolithic, and correspond eventually to further use of the monument.

The remains found in Anta do Penedo Gordo reflect the relationship between two geographical contiguous domains, the Estremadura and the inland area of Alentejo, due to its geographical location and proximity to the river Tejo, and used since early times as people and commercial circulation route.





1. Anta do Penedo Gordo. Vista geral do monumento antes da intervenção arqueológica.



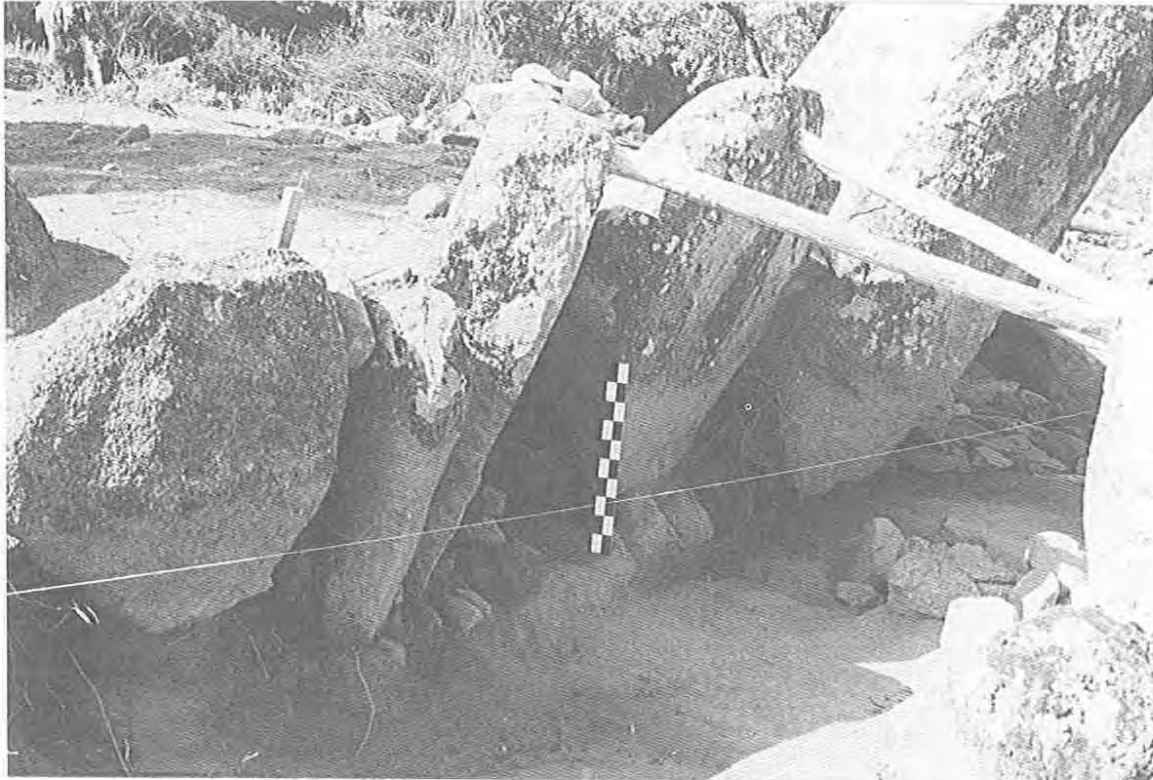
2. Anta do Penedo Gordo. Vista obtida no decurso dos trabalhos arqueológicos.



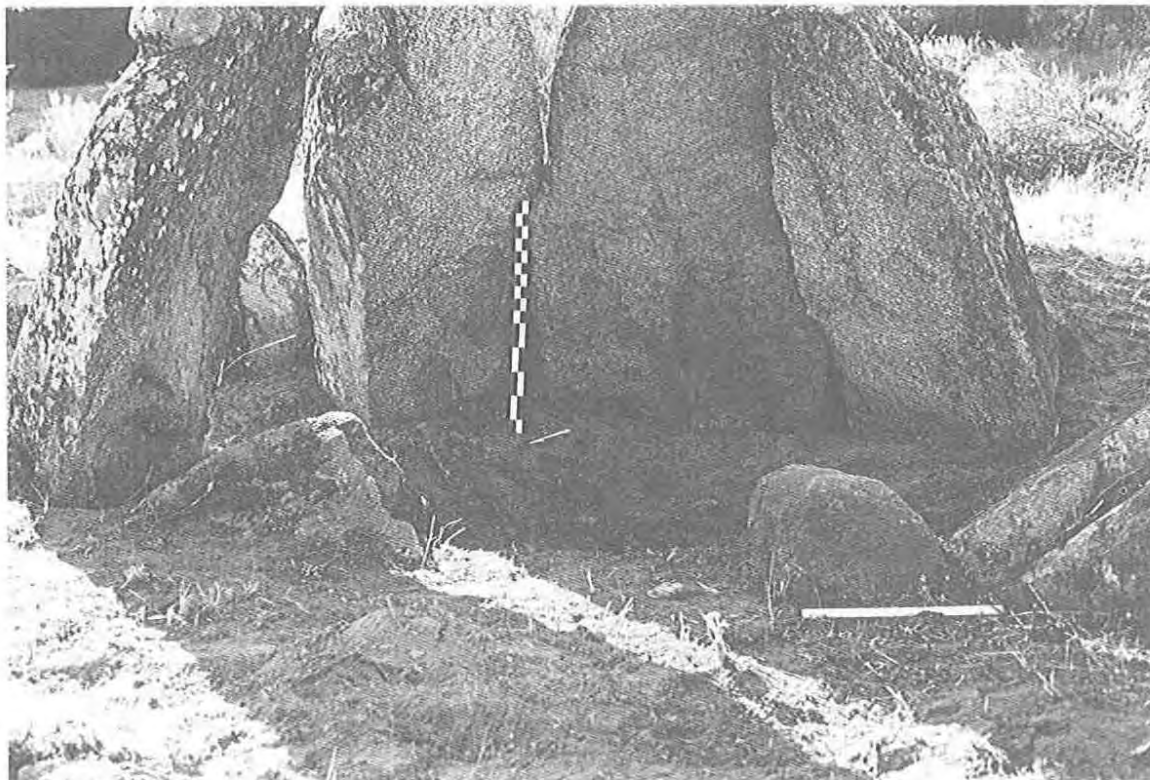
1. Anta do Penedo Gordo. Vista do monumento a partir do corredor, depois da desmatação.



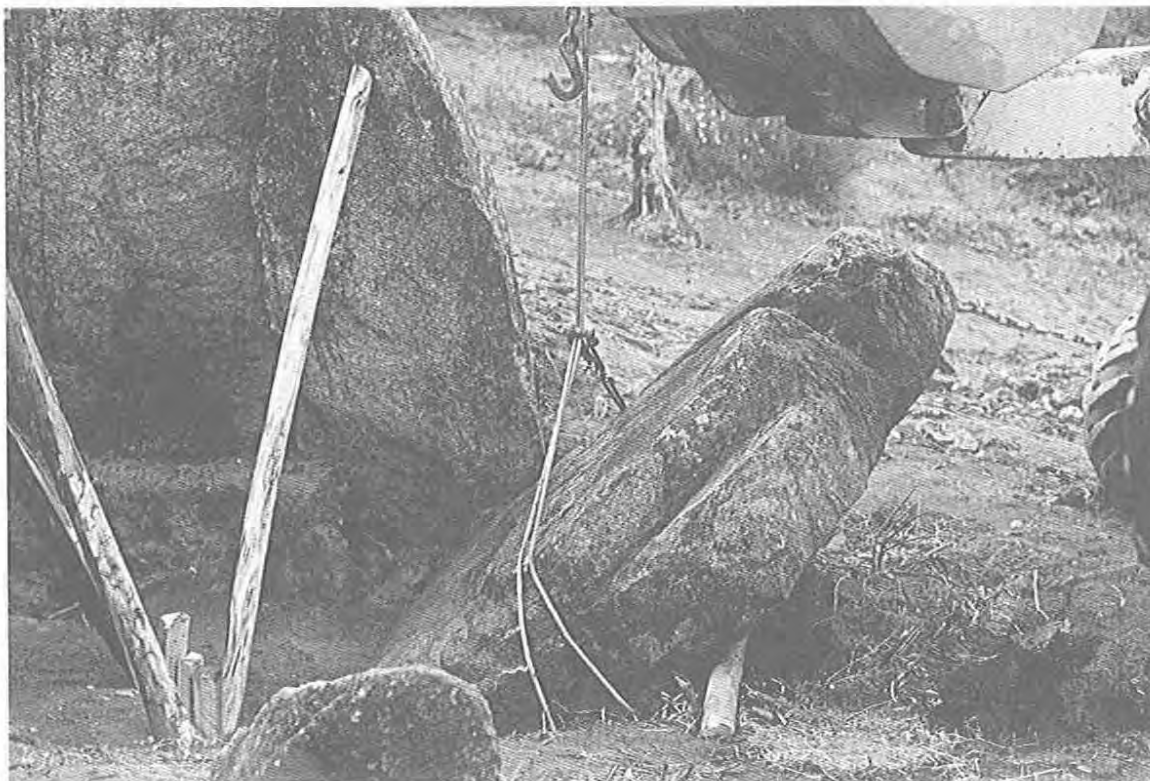
2. Anta do Penedo Gordo. Vista do monumento a partir do corredor, no final dos trabalhos arqueológicos.



1. Anta do Penedo Gordo. Vista geral dos quatro estelos que constituem o lado sul do corredor, no final dos trabalhos arqueológicos.



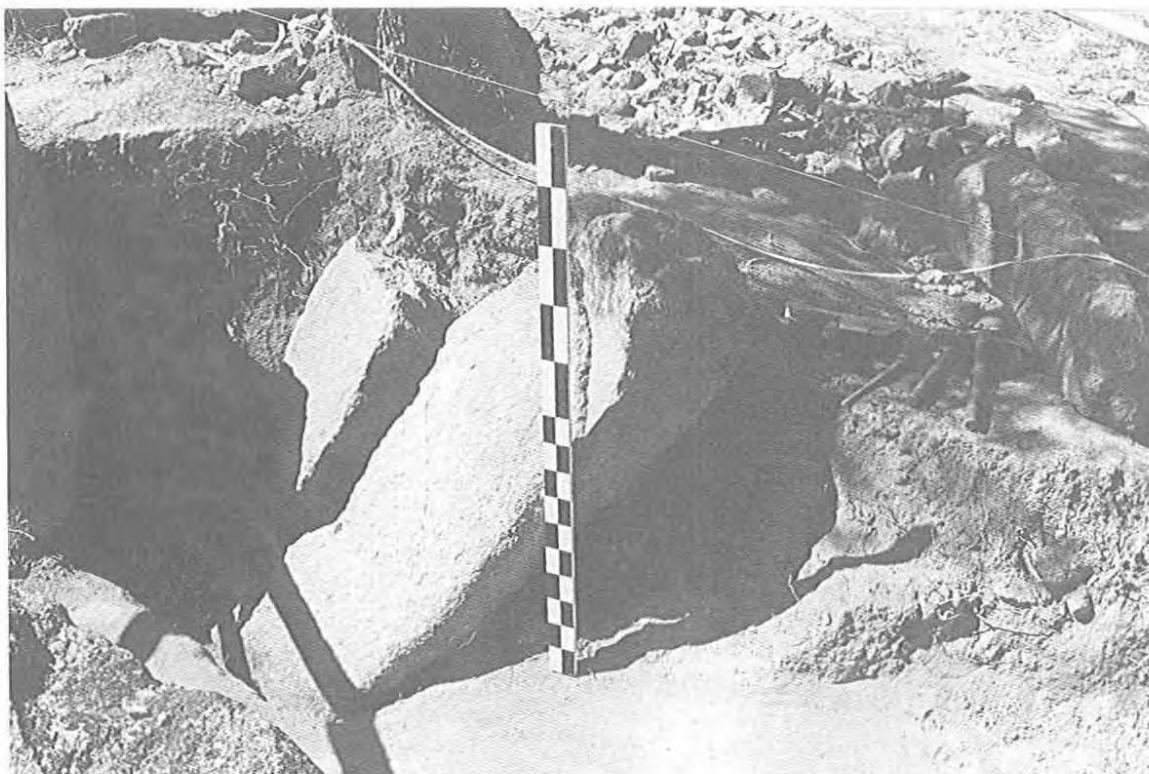
2. Anta do Penedo Gordo. Vista da câmara, depois da desmatagem, observando-se ao centro a depressão do terreno correspondente a violação antiga.



1. Anta do Penedo Gordo. Vista parcial da câmara, com recolocação do esteio da cabeceira.



2. Anta do Penedo Gordo. Vista geral da câmara, com o esteio da cabeceira, à direita, já na posição que ocupava originalmente.



1. Anta do Penedo Gordo. Vista do esteio 15, fracturado longitudinalmente, após a escavação.



2. Anta do Penedo Gordo. Reposicionamento do esteio 15.



1. Anta do Penedo Gordo. Pormenor da fixação dos esteios da câmara, com recurso a calços na respectiva fundação, no substrato geológico (saibro granítico).



2. Anta do Penedo Gordo. Pormenor da implantação dos esteios da câmara, observando-se a abertura do alvéolo de fixação no substrato geológico (saibro granítico).